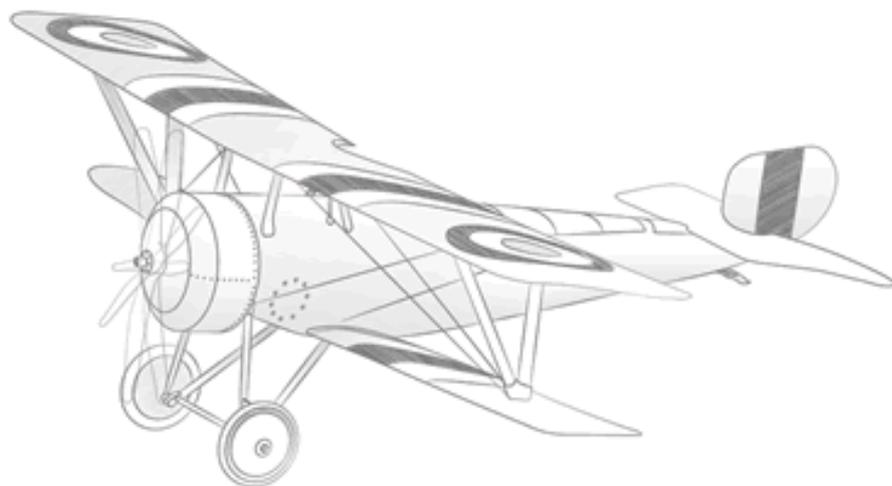


VOOS CABULARES

Gessivaldo Lino Pinto - Chico Lino



Apresentado por

Meu Lado Poético 

resumo

INFERNO

ADEUS ÀS ELISÕES

REFLEXO

RETUMBRILHO

DEFEITO BORBOLETA

O AMOR a.C.

CONDIÇÃO COERCITIVA

ANTROPÓFAGO

ESPELHO EMBAÇADO

POLINÔMIO

ADIMIRÁVEL MUNDO

BOM DIA

AMOR = A BOMBA

EUTANÁSIA

QUE LOUCURA

NA COLÔNIA PENAL

LABIRINTO DE LABIRINTOS

FOLGUEDOS

UM DO BANDEIRA ATUALIZADO

COÍN, COÍN

ESTIGMATINOS

KRIPTONITA

A BELA VELA

EQUESTRE SOCIETY

MÁSCARAS

BANANAS

CAMINHO DA HORTA

MEA CULPA

MENTE & CORPO

TANATUS

ESDRÚXULO

LENTE

INCÓGNITO SILÊNCIO

SAPIENS

DIVINO CADERNO

CORA COROADA

ORELHARIA NACIONAL

PÖEMOR

OM

SINAL DOS TEMPOS

NUA E CRUA

PODERES

NO PASSO DO ELEFANTINHO

POEMA CRÔNICO

"NAO CONSIGO RESPIRAR"

VOO

SEM RETORNO

KOAN

SOFÁ NA BACIA

CARO CASTRO ALVES

"ESTEVES SEM METAFÍSICA"

HISTÓRIA

IMEDIATO SABER

IMPACIENTES

DUO ELOS

CONVENCIDO

NÁUSEA

TABUADAS

PAU DE ARARA

MOSAICO

OVINHO DE NATAL

CATEQUESE

BOITATÁ

OS PARDAIS

DOMO

HOMEM-BOMBA

COLAPSO

METAMORFOSE

EM BUSCA DA PERSONAGEM

HISTÓRIAS DO RIO DOCE

TELÚRICO COLIBRI

JE SUIS BUGRE

GAFANHOTOS

PENSAR

CHEIRO DE MEDO

TRANSPARÊNCIA

O MICO

CARVÃO

VOUCHER

INHAMBU

PARADIGMA AUSÊNCIA

POEMA CONCRETO

NEM UMA VEZ

POLÍTICA FUNERÁRIA

QUEM JÁ VIU

LUA NOVA

LUA ARCAICA

SENTIMENTOS DO RIO DOCE

PERSPECTIVA DO DIA

PRIMAVERAS

VACINAS & VACINA

OTARIEDADES & AUTORIDADES

MONOLOGUITO NO CERRADO

CANTIGA DO AMANHECER

DIETA

"BELÍNDIA" REVISITADA

QUEM TEM MEDO DO DIA MAL

BIOCÍDIO

PRÓ PUDOR

BANDEIRAS

A PESTE EM MACONDO

IMPRESSÕES

DESACATO

SONECA

ORA PRO NOBIS

MIL NOVECENTOS E SESENTA E NOVE

PIRARUCU BACALHAU

PÓ REAL

FRAGMENTOS

D'ALENCAR QUE ME PERDOE

MAIOR IDADE

MODERNO

IGUARIA

A EXCEÇÃO E A REGRA

CORTEJO

EMPREENDEDORISMO

INCERTAS PALAVRAS

HOMO EFÊMERO

FÁBULA CABULOSA

MEMÓRIAS DELETADAS

VIA

ESTRANHO

ADEGA DE SONHOS

VACINAR & PROTEGER

EU, CIBORGUE

CHEIRO DO BRASIL

FRASES FEITAS

CHÔ, BICHO, TÁ DOIDO, SÔ!

O MOLEQUINHO CANTOR

IMUNDOS

MOSCAS VOLANTES

MIRACEMA, CORAÇÃO DO NORTE

TODO PODEROSO

QUANDO SOBRAM PEDRAS

CENTRAL DO BRASIL

DAMNATIO MEMORIAE

CÓDIGOS & BARRAS

RETORNO ETERNO

PARLENDAS & PALMITOS

SONHOS DE PADARIA

NO AR

NÃO É PARÔNIMO PODERIA SER METONÍMIA

MÁSCARA OCA

GENÉRICO WALKMAN

MUITO MAIS QUE NÓS

TRIUNVIRATO DO AR

PRECE

SAGA

RECLAME

ACORDO

CALEIDOSCÓPIO

“VAZIO”

TREM

HORA PREFERENCIAL

ANIVERSÁRIO

GOZA, GROSA

FABULINHA

ANÁLISE: MÁTRIA PÁTRIA

LÁZARO

MILAGRES, PESADELOS & LUZ

ECLÉTICA ECLIPSE

Ó, “DIO”

SETE & MENTIRAS

JUÍZO FINAL

FÉ DE MAIS

QUE / BRADO

VAGA A MEMÓRIA

ASSALTO

NESGA

VESTIDO A CARÁTER

MUDANÇAS

“NOVO NORMAL”

ABRAÇO O ALGOZ

SEU MELHOR VESTIDO

O VAZIO DO ELEVADOR

HORA FAMÉLICA

ÔNUS MODERNOS

É GUERRA

TRAQUINAGEM

QUE A TERRA LHE SEJA BREVE

O PIANO DE GABRIELA

CALEFAÇÃO

SEM PRESSA

SAGARANA NO SEBO

VALORES

FILHOS DA MORTE

NADA É VERDADE

CORAÇÃO CORADO

CERZIR ALMAS

A COISA

COSMO AGONIA

ANALFABETOS

MALHAÇÃO DE JUDAS

DIA DOS AMORADOS

MATO MORTO

SEM AUMENTAR UM PONTO

FLASH

HORIZONTE CURVO

QUASE UMA TROÇA

ENSINAMENTO

O PRESIDENTE LULA

O XIS DO PEIXE

IMAGINE

SETENTA ANOS, SOLIDÃO!

INEXORÁVEL

BREVE UTOPIA

ONÍRICA APORIA

DESCULPA EU

ECO

O “IMPOSTO AO SOL”

SÃO OS DO NORTE QUE VÃO

TEMPOS EM VÉUS

“PEIDO-CHINES”

INFERNO

INFERNO

Chico Lino

"Os lugares mais sombrios do Inferno são reservados àqueles que se mantiverem neutros em tempos de crise moral."

Dante Alighieri compôs seu Inferno

Assim fazemos todos
Inventamos nosso próprio
Inferno

A dicotomia humana
Não enseja o uno

Divididos, somos o Diabo

Criamos Infernos
Vivemos o Inferno que criamos

O Inferno somos nós
Todo o prazer provém deste Inferno
Deleitamo-nos no Inferno

Nas igrejas, não ensinam Deus
Pregam o apocalíptico Inferno

Por tudo que falamos
Pensamos e fazemos

Queremos o Inferno

Não suportamos a calma

Da estagnação celeste

Adoramos movimentos imprecisos

Das chamas ardentes

E queimam o ócio

Não aceitamos o ócio

Inventamos sua negação controlada

O negócio

Mutantes

Já não tememos o Inferno de antes

Imaginamos Infernos pessoais

Bombas magistras

Se tornaram reais

Diabos invadem países

Diabos derrubam aviões

Diabos desabam viadutos

Diabos constroem barragens

Diabos destroem Rio Doce

Diabos queimam línguas-pátrias

É o Inferno

Verdadeiro ópio do povo

In, Sentimentos do Rio Doce, Palmas-TO, 2016

ADEUS ÀS ELISÕES

ADEUS ÀS ELISÕES

Chico Lino

**Os medos que temos na infância
Não os perdemos ao crescer
Aprendemos a conviver**

**Olhar do décimo andar
Ruas vazias, assustam como velhos fantasmas**

**Tomadas de carros e transeuntes
São outros os temores**

**Tenebrosas sombras
Noites e pesadelos iluminados a lampiões**

Inexplicáveis sons no Rio Doce nas cheias da minha infância

Assustadora estridência dos apitos das locomotivas da Vale

**Não havia ruas, somente o calor das pedras
Dormentes e a dureza do aço
Contrastava com o frio jorrar do rio**

Beleza das flores e florestas

**Pela ótica religiosa
Sabia de Deus e do diabo
Anjos e demônios
Guerra e paz**

**Pobre do tempo
Seu único intento**

É passar

Paranóia

Pare

Medo

Fuzil

Ninguém

Viu

Quando

Ivo

Viu

Uva

Viu

Adeus às elisões

"Extra", pensamos, existe ou existirá

"Uma Odisséia no Espaço"

O "Admirável Mundo Novo"

Muito além de "1984"

Serão os humanos, os desidratados ETs de Varginha, olhos enormes de daqui a não sei quantos anos?

Habitarão entre nós porque criamos

Em nosso mais íntimo desejo

Que pesadelo vivemos

Não vou prescindir hoje essa janela

Devo primeiro sonhar

Um mundo bem melhor

Para muito além dessas ruas

REFLEXO

REFLEXO

Chico Lino

(A Sérgio Moro)

Do fino fio do Machado

Depreende-se as crônicas de Itaguaí

Como profecia de cartomante

Num pesadelo recorrente e contínuo

Que ao acordar é real

E ainda noite

O alienista

Loucamente penetra

No íntimo âmago

Das mentais corruptelas

Transformando a todos

Em orates

Fazer da cabeça

Altar de "louros imarcercíveis"

É o que persegue

A humana vaidade

Eis senão quando

Toda uma cidade subjugada

Ele próprio será da Casa Verde

Exclusivo paciente

E mais não conto

Sou lacônico

Poeta crônico

RETUMBRILHO

RETUMBRILHO

Chico Lino

Como se um brilho

A retumbar

Vejouço os olhos

Profundos olhos

Olham longamente

Tristemente

Os austeros olhos

A retumbrilhar

São os olhos do Marechal Deodoro da Fonseca

Pintados num bar

Na Praia do Francês

O bradilhar ecoa cônico

Megafônico

Tremulam as límpidas e calmas águas

De Pajussara, Gogó da Ema

Tremeluzem os Sete Coqueiros

Muitos mais

Milhares ou mais

Coqueiros que cocos

Sua tonitrunça espantam

Gatos e ratos

Na Rua Professor Arroxelas,

Ponta Verde,

De Maceió
Ao Brasil

DEFEITO BORBOLETA

DEFEITO BORBOLETA

Chico Lino

"O bater das asas de uma borboleta no Brasil pode causar um tornado no Texas" - Edward Lorenz

Os anjos dormem

É o fim

Em noites escuras

Quem velará por mim

Um coração pára de doer

Se outro parar de bater?

Cuidemos, o verbo é vivo

A palavra afiada

O verbo torna o nada

Coisa pulsante

Meu velho

Graciliano Ramos

Em história contado pelo poeta Lêdo Ivo

Imaginava um golfo alagoano

Jornais noticiam

Bairro de Maceió

Pode estar afundando

Indo à Teoria do Caos

Sem tretas

Na alegoria dos defeitos

Borboletas

Batem suas asas

Docemente

Dão volta ao mundo

E retornam ao Brasil

Catastroficamente

O AMOR a.C.

O AMOR a.C.

Chico Lino

José, perequeté

Espera encantado

Todo o dia

Passar Maria

À frente da carpintaria

Maria passa

Sempre angelical

À frente da carpintaria

Em seu uniforme colegial

Quão sublime e puro é o não confesso amor

Certo dia

Não pode passar Maria

Em seu uniforme colegial

À frente da carpintaria angelical

Nesse dia

José e Maria

Tomados de grande aflição

Fizeram meditação

Foi tão intensa sintonia

Que um filho

Habitou Maria

CONDIÇÃO COERCITIVA

CONDIÇÃO COERCITIVA

Chico Lino

Adolf Hitler fez fogueiras dos livros
Contestadores de suas idéias

O dramaturgo alemão, Bertolt Brecht
Entristeceu-se por seus livros não arderem
Entre os desafetos dos assassinos de judeus

Um amigo seguiu triste
Não morreu durante a Ditadura Militar brasileira
Sentia-se conivente

Charles Darwin comprova na Evolução Biológica
A seleção natural das espécies

É estatístico:
Um por cento da população mundial
Detém noventa e nove por cento
De toda a riqueza

Navegando na História
A condição humana "pagã"
Pouco mudou

Nunca conheci alguém
Que não conhecesse alguém
Que não soubesse com quem está falando

Um por cento selecionados
Naturalmente
São os donos da Casa Grande

Somos noventa e nove por cento
Escravos destilados pela seleção
Natural

Temos que loide na alma

ANTROPÓFAGO

ANTROPÓFAGO

Chico Lino

Ao Poeta capixaba, Gilson Soares

*"No ano de dois mil e dezesseis
O Prêmio Nobel de Medicina
Foi dado a um cientista
Que comprovou a autofagia
Em células humanas"*

Antropofagia

Endofagia

Exofagia

Autodigestão

O sujeito tinha mania

Mordiscar as bochechas

Até onde conseguia

"Morsicatio Buccarum"

Mastigação crônica

das bochechas

Diagnosticou o analista

Conversa longa

Logo entedia

Aconselhou o dentista

Confecção de placa acrílica

Freios não funcionam
Numa vida etílica
Mais apetitosa a mucosa fica

Com voracidade e ardor
Passou a morder as bochechas
Alheio a sua próprio dor

Buscou desfazer
Em sua árvore genealógica
Esse nó

Encontrou um bisavô africano
Casado com índia Bugre
Apanhada a laço de cipó

Gostava de pescar e comer sardinha
Bispos, em todo sonho vinha

Certa manhã
Viu um montinho de pó branco
Sobre o seu travesseiro

Foi no que toram-se seus brancos dentes
mordisqueiros

Não sentia mais o peso do corpo
Dormente
Havia se autofagiado completamente

Um vento frio e brando
Entrou pela janela
Levou todo o seu pozinho por ela

Quem dorme na pena do pato
Acorda no bico do pinto

Quem puder que coma cinco

ESPELHO EMBAÇADO

ESPELHO EMBAÇADO

Chico Lino

A pele morta

É esfoliada

Corpos lavados

Encardem e deixam

nas toalhas

Nosso cheiro típico

Todas as células do nosso

Parco corpo são renovadas

Em ciclos de sete, dez anos

Somente os neurônios

não se renovam

O Navio de Teseu

que durante a viagem

Troca todas suas tábuas

Retornando ao porto de partida

Seria ainda o navio de Teseu?

Das tábuas velhas

Um reciclador faria um navio

Este seria

o navio de Teseu?

Os neurônios que não se renovam

No navio do eu

Após anos navegando

Simbolizam Teseu

No porto mareado
Feito espelho embaçado
Este navio reciclado
Tenho dúvidas

Sou eu

POLINÔMIO

POLINÔMIO

Chico Lino

Eu sou Gessivaldo Lino Pinto

Chico Lino

Chico, Chiquinho e Chicão

Pinto e Pintão

Fake com ão

Lino,

Deus mitológico do ritmo

Gê, Peri, Perivaldo

Gesse Gessi

Gessilino Gessinaldo

Gerusa

No Grupo Ponto de Partida

Geimes, Geiminhos

Ai, que vida

Ku

Tatibitateou a mana caçula

Gipes,

Chama-me o filho

Véi, a filha mais nova

Estou a toda prova

Amado, chama-me

Minha Amada

Preciso de mais nada

Dirá Mário de Andrade

Em seu doce e celeste abrigo

Mas eu sou Trezentos

Sou trezentos e cinqüenta

Mário,

Quantos eu sou

Não faço a conta

Não me tenta

Você sempre será

A pedra noventa

ADIMIRÁVEL MUNDO

ADMIRÁVEL MUNDO

Chico Lino

No burburinho da praça
Sons de Rock,
Funk e Houser

Um ratinho vagueia

Tem um chip
Incrustado na testa
Pensa on-line
Com sua ratinha

Enquanto outro rato
Põe ares de fidalguia
Usa um enorme cotonete
Numa orelha humana
Que cresce em suas costas

Eu, sozinho
Não consigo apagar
De minha própria memória
Aquele foto
Do desnutrido menino
Africano
Que um urubu
Espera morrer

BOM DIA

BOM DIA

Chico Lino

No pandemônio
Das relações sociais
Instaurado pela pandemia

Onde há dias
Olhamos uns aos outros
Com jeito desconfiado
Não escondo a alegria

No distanciamento
Da fila do pão
Desejaram-me
Bom dia

AMOR = A BOMBA

AMOR = A BOMBA

Chico Lino

Eu não deveria amar

Os meus amores

Que são belos

Meus amores

Não poderiam ser assim

Eternos

Eles explodirão meu coração

Sem coração

Por isso

Eu não poderia...

In, Voo, 1982

EUTANÁSIA

EUTANÁSIA

Chico Lino

Num jornal

De supermercado

Eu vejo

Ofertas e facilidades

No atacado

E no varejo

Sêneca

Que viveu nos tempos

De Cristo

já alertava para doenças novas

Devido à quantidade de temperos

Que se usavam à época

Tantos bens

Dispostos

De modo tão conciso

Se Sêneca

Ressuscitasse hoje

Suicidar-se não mais

Seria preciso

QUE LOUCURA

QUE LOUCURA

Chico Lino

"Nas décadas de 1960 e 1970, a pessoa que apresentasse problemas psiquiátricos e se tornasse incapaz de trabalhar, poderia se aposentar com base no Artigo 22 da CLT (Consolidação das Leis de Trabalho) da época.

Daí dizer-se uma pessoa ser 22."

Aquele cara é vinte e dois
Deve jogar pedra em avião
Beliscar azulejo
Queimar dinheiro

Era Moderna

O Elogio da Loucura
Veio de Rotterdam
Através de Erasmo

"A Loucura Perpetua a Espécie Humana"

Mil novecentos
Da Vanguarda Européia
Transborda ao Brasil
A Semana de Arte Moderna
De vinte e dois

Meninos, são todos maluquinhos
Os adultos, fingem direitinho

No vídeo, um elefante tromba o pé de amarula
Macaquinhos e elefantes
Vinte e dois

Trôpegos na mãe África

Morcegos perdem o controle

Vinte e dois

Em voos rasantes após ingestão do jambo

Noé, toma porre de hidromel

Vinte e dois

"Mostra a nudez" ao filho

"Kyrie eleison",

Senhor, tende piedade

Que loucura é essa?

A carta "O Louco", do Tarot

É a última

Número vinte e dois

Considerada zero

Porque tudo se renova

Ela é o fim e início do baralho

NA COLÔNIA PENAL

NA COLÔNIA PENAL

(FRANZ KAFKA)

Chico Lino

Medidas extraordinárias

De disciplina militar se impõe

Sobre um condenado

Desconhecedor de sua sentença

É o absurdo engendrado

De forma lógica

Um homem só

Concentra em si, várias funções

Soldado, juiz, algoz...

Assistir à minuciosa explanação do funcionamento da moderna máquina de punição

Por si, valeria a dolorosa pena

Inegáveis são as injustiças do processo

A desumanidade da execução

A caligrafia que se esboça da pena

Em sua pele

Não é simples

Há uma certa luz

No olhar do supliciado

Que não conto

Pronto

LABIRINTO DE LABIRINTOS

LABIRINTO DE LABIRINTOS

Chico Lino

Ante ao círculo hipnótico

Náusea

Zumbidos

Queda de cabelos

Alterações na audição

Sudorese

Vômitos

Minos, Teseu

Dédalos

Minotauro

Mitos

Desequilíbrio

Acidificação do estômago

Tudo isso

Viralizado aos quatro ventos

No movediço labirinto nacional

Feito presente de grego

É a labirintite emocional

FOLGUEDOS

FOLGUEDOS

Chico Lino

- *Limão*

Um avião ou viaduto
Não destroem ideologias
E nem jogo começa
Sete a um se o juiz não for seu amigo

Nem queima o Museu da nossa Língua
Se não for provocado o incêndio

A barragem de Mariana só tem cara de santinha

Calcei minhas luvas
Coloquei meu protetor de dentes
Preparado para comer pipocos

Os ataques presumidos
Não foram aéreos estridentes
A força foi impressa, não menos bruta.

- *Açúcar*

Ecoou o Brado Retumbante
Mantagner não era mal
Tinha problema conjugal,
Mental, sei lá não sei, não.

Preferi o caso Wikileaks
Exibido ao mesmo tempo

Quanta ironia em um avião
Apache detonando Bagdá

Isso não estava inscrito
No código de ética
Da prisão de Guantânamo

Tanta saia justa

- *Água*

Fervendo sapateado
No ouvido do bugre
Ou da etnia Xerente

Tudo coisa de índio dita por índio
"Insubordinado"
Precisavam ver o orgulho
Nas feições da própria in natura

Fato mais importante
Desde o Brasil a descoberto
Foram os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas
em Palmas

Não teve aliança para o progresso
Nem o leite da Jacqueline

Que o barro nos seja leve

- Ouvi gracejos
Se alguém fizer limonada

Eu não fagocito o fdp...

In Sentimentos do Rio Doce, Palmas-TO, 2016

UM DO BANDEIRA ATUALIZADO

UM DO BANDEIRA ATUALIZADO

Chico Lino

Tosse tosse tosse

Cada pulmão retorce

Continental

Preferência nacional

Minister

Um cigarro de ministro

Hollywood

Ao sucesso

Patrocinando futebol

Esportes radicais

E em que e quem pudessem

Imprimir seu fumo

Consumimo-nos

Na sociedade de consumo

Tosse tosse...

Manuel Bandeira

Quero ouvir "Adios Nonino"

No bandoneón de Astor Piazzola

COÍN, COÍN

COÍN, COÍN

Chico Lino

Até hoje não defini
Os sentimentos que tive
Por uma porquinha que se lambuzava
Na lama do Rio Doce
Quando vazava

Filha de uma porca que pariu
No dia do meu aniversário
Tive o direito de nomear
Aquela cachacinha

Da onomatopéia estridente
De seu grunhido
Batizei-lhe de Coín

Coííínnn...

Com quais intenções
Cuidados e ternuras
Alimentamos nossas amizadas
E amores

Entre lágrimas e
Gotículas de limão galego
Comi minha primeira namorada

ESTIGMATINOS

ESTIGMATINOS

Chico Lino

Enquanto dobram os sinos

Vigiamos e nos punimos

Forca

Guilhotina

Empalamento

Parlamentos

Crucificação

Flagelo

Asfixia

Gás carbônico

Polícia

Milícia

Pelourinhos em pronta entrega

Lavam o minério

Liquifeito a jato

Lamas púnicas

Ameaças de morte

Que sorte

Doces Rios

Risos

Não gargalhe

No gargarejo

A vida nao é sólida

Sério

Sinos dobram
Ondas andam

Pelourinhos delivery
Intimidam nossos olhos

La vai a vida veloz

As pessoas passam
Gastam o solo e solas

Alteram suas formas
Em fôrmas

Passam sem passos
Voam

Mais

Na velocidade luzente
Mal vemos
Se piscamos

A pena pesa
A leve pluma
Que se apruma ao vento que a leva

Carlos,
O homem não vai devagar
Mas Deus, como a vida é besta

Enquanto dobram os sinos
Vigiamos e nos punimos

KRIPTONITA

KRIPTONITA

Chico Lino

Violência tóxica

Sangue, muito sangue

A idolatria gananciosa da maldade

Em nome do bem

É o que consumimos

Nos enlatados do cinema americano

Que mensagem tem

O esquartejamento de Tiradentes

O empalamento de sua cabeça?

A exibição

Dos castigos

Nos pelourinhos

Como se não soubéssemos

Do que um humano é capaz contra

Outro homem

Indefeso

Nem a Vale

Antes dos crimes no Rio Doce

Era menos amarga

QUANDO SOU BOA, SOU MUITO,
MUITO BOA. QUANDO SOU MÁ,
SOU MELHOR.

Disse a atriz americana Mae West

Essa frase tornou-se slogan americano

Criaram o Super Homem

O Homem Aranha

A Mulher Maravilha

O Homem de Ferro

No seu mais alto grau

Superlativo

Comam popcorn

Bebam coca cola

Crianças

Mas não engulam juntos

O seu senso crítico

O filme Corações e Mentes

É mais real

Que Corações de Ferro (Fury)

Mesmo com Brad, o Pitt

Sob opressões

Sempre torna à minha mente

Uma anedota juvenil

De um açougueiro que passou o negócio

Por não suportar os ataques

De um grandalhão de fartos bigodes

Que lhe impunha:

- Dê-me suas melhores carnes, senão, senão...

Ao que franzino

Pequenino e novo dono do negócio

Perguntou:

- "Senão, senão", o quê?

- Senão, senão... fico sem comer carne hoje...

Respondeu o grandalhão.

A BELA VELA

A BELA VELA

Chico Lino

(A Adilson Vilaça)

A bela vela

Se rebela

Na escuridão

Por puro cansaço

Cai no cangaço

Tornou-se lampião

EQUESTRE SOCIETY

EQUESTRE SOCIETY

Chico Lino

Vejam éguas e potros
Que belo e completo arreio porto
Suador e sela macia
São meu conforto

Estribos tilintam ao sol
Salivo saboroso
Bridão espanhol

Diferenciados
meus antolhos em 3D,
Possibilitam perfeita visão
A qualquer lado que se vê

Aspiro alfafa pura no cano
De rédeas soltas
Adivinho vontades do meu dono

Nas vaquejadas
Sou hors concours
Nao preciso desfilar

Pois já sei que o primeiro pasto
Será sempre o meu lugar

MÁSCARAS

MÁSCARAS

Chico Lino

Óh, vírus do Ipiranga
Todos somos mascarados
Na Terra de Macunaíma

Cai a humana máscara
Quando obrigatório seu uso

Mostramos enfim nossa cara
Cobrindo sem jeito
O que nos restou do sorriso
Pálido e sem dentes

Vai mais fundo
Além da plasticidade
Da pele que nos reveste
O significado das coloridas
Pungentes máscaras

A escrava dor
De Anastácia

O disfarce do
Zorro

A contenção animal
De Lecter, Hannibal

Abissal significado
Traz à tona

Flávio Migliaccio

Ator de todas as comédias
Que na última fala
Ato final de sua própria vida

Rasga tragicamente
A máscara da comédia
Transmuta em tragédia
O humor infantil
Do "Tio Maneco"

Mostra que sob a pele
Desidratada do riso
Existia bravura, brio

"Entendo seu gesto"

Não existe
Conselho de Anciãos
O deus do amor
É um menino brincalhão

Descarte em asilos
hospitais e cemitérios
Existe

São impagáveis os
Planos de saúde para idosos
Não existe empréstimos
A longo prazo

Ironicamente, coroa
Adjetivo com que rotulamos
Os longevos
Em espanhol, é "corona"

Nome de um vírus
Para o qual ainda
não temos remédio

BANANAS

BANANAS

Chico Lino

Banana

Sou do gênero Musa

De família ramificada

Assumo minha condição

Na França

Sou braço de honra

Verde, sou dura

Deixo nódoa

Madura

Ninguém recusa

Se lambuza

Em Portugal

Sou manguito

Dizer que não tenho caule

Acho bonito

Não me irrita

Com sorriso

Um aviso

- Tenho caule curto

Sou gesto

Meu coração é vermelho

Sou radioativa

Junto à nitro
Sou explosiva
Nunca fui República

Sou da terra
"Zé povinho"

Nanica, prata
Maçã ou ouro

Juntas somos
Um estouro

CAMINHO DA HORTA

CAMINHO DA HORTA

Chico Lino

Para o tempo

Não existe linha

Reta nem torta

Esquecer a farmácia

É lembrar o caminho

Da horta

MEA CULPA

MEA CULPA

Chico Lino

Do verso livre

Fiz minha linha

Mestra

Do coração

Meu caminho

Tortuoso

Para carícias

Minhas mãos

Foram dadas

Na grande tábua

De rareado verde

Os dados lançados

Insistem em não cair

Surpreso percebo

O loquaz ventríloquo

É quem senta

Na perna do boneco

Que o coelho

Faz medidas

Com a cartola do mágico

Após mata-lo

Com duas cajadadas

MENTE & CORPO

MENTE & CORPO

Chico Lino

Em situação de risco
O corpo se defende
Mesmo de um cisco

A ostra
Bombardeia madrepérola
No ínfimo grão de areia
Torna rara jóia
Seu invasor

A seringueira
Plasma em látex
Sua dor ferida

Algumas mulheres
Grávidas
Tentam expulsar a vômito
O corpo estranho do útero

Calos,
Proteção contra o atrito
Crostras,
Dissecação da pele

O corpo tenta aliviar
A dor contumaz

Algumas crianças buscam
Na surdez temporária
Alívio para adultos estridentes

A gente sofre
Entramos inconscientes
Em depressão

O mal de Alzheimer...
Mergulha no esquecimento
Lembranças dolorosas

A vida
Não deve ser sofrida
O corpo clama a felicidade
Da sua perpetuação

Voa leve, livre
Minha mente
Ao espaço ilimitado

Não deixe nunca
Esse corpo
Embora cansado

TANATUS

TANATUS

Chico Lino

Pisei, sem querer, numa formiguinha...

Tal incidente

Trouxe-me a mente

Lembranças de fatos idos

Hoje, tão doloridos

Como um menino de 1954

Pagaria sua dívida aos inúmeros

Passarinhos que contou

Num tempo em que

Um couro de onça

Era uma medalha de ouro

No peito de quem matou

Perdoe beija flor, sanhaçus

Cambaxirras, rolinha

Que juízo eu tinha?

Em meu instinto exibicionista

Era como uma conquista

O que é grande asneira

Acrescentar marcas de mortes

Num estilingue de goiabeira

Sem palavras

Fico calado

Sobre a asfixia dos peixes

À degola das aves e

À matança do gado...

ESDRÚXULO

ESDRÚXULO

Chico Lino

Não existe o nada

Se o nada existe

É alguma coisa

Mesmo não identificada

Vamos passear na praça?

O coronavírus já vem

Pular carniça no quintal

Brincar de roda

Bolas de gude

Passar anel

Bambolear

Cabra cega,

A pandemia pega

Vou construindo sem medo

Carretéis vazios, menininho

Linhas imaginárias

Vagando estradas deslizando barrancos

Abrindo meu caminho

Boizinhos

De melões São Caetano

Boiadas aboios

Mas na rua, ante à TV,

uso máscaras

Evito perdigotos

Quando acabava a energia
Podíamos contar histórias do Rio Doce
Quanta alegria...

Ah, sons que hipnotizam os homens

Moedas a tilintar
Claque, em aplausos

"Meu nome é Ozymandias,
e sou Rei dos Reis: Desesperai,
ó Grandes,
vendo as minhas obras!"

É triste e duvidoso
Imaginar que a única
Mais avançada
forma de inteligência
No multiverso
Seja a humana

Algoritmos
O que será do amanhã?
Nem atino
Há de haver algum destino

LENTES

LENTES

Chico Lino

Quem nasceu primeiro

Cachorro ou gente

Quem inventou

A linguiça

Quem inventou

A corrente

Linguiça

nunca prendeu cachorro

A corrente

Sempre prendeu gente

O menino folheia uma revista

Sorri da foto do homem sorridente

Fecha

de

va

ga

ri

nho

A página

E abre

rapidamente

Espera

Em algum momento

Surpreender o homem

Daquela página
Sem o seu sorriso contente

Assim como um cachorro
O homem fica preso a correntes

Linguiça não prende cachorro
Mas o homem liberto
É o lente

INCÓGNITO SILÊNCIO

INCÓGNITO SILÊNCIO

Chico Lino

Meus pais foram
Ao Grupo Escolar Aristides Freire
Fui entre eles

Meus irmãos
Vado e Daia
Vinham atrás

Incógnito silêncio
Entre os trilhos da Vale do Rio Doce

Seu filho não responde à chamada!
Ele fala, participa, interage
Mas não responde à chamada

"Chiquinho, meu filho"
Durante a chamada
Preste bastante atenção
Quando a professora disser

Gessivaldo...

Responda: Presente!
É o seu nome de batismo

Nunca mais esqueci.

SAPIENS

SAPIENS

Chico Lino

"O único inimigo de alguém com recursos ilimitados é alguém que não tem nada a perder."

A Terra foi arrasada...

Ao provocar a extinção

Da fauna e da flora

Degradar rios e mares

O homem cavou sua extinção

Agradecendo ao nosso descaso

Como nós ao ocasional asteróide

Que eliminou os dinossauros

Há sessenta e cinco milhões de anos

Ratos e baratas

Surgidas do atômico e tóxico

Lixo do ódio

Reinam na terra plana

Vergonha aos deuses

Que nós próprios inventamos

Só iremos ter consciência

Do que praticamos

Quando sentirmos a dor

Das chagas que causamos

Sobre a terra

Para isso não será preciso esperar

Sessenta e cinco milhões de anos

Agora

DIVINO CADERNO

DIVINO CADERNO

Chico Lino

Deus tem um caderninho
Onde anota nossos erros
Bem direitinho

Ouvir na infância o catequista
Fazia a vida boa
E prevista

Decodificado o DNA
Caderno mais notável
Não há

Se dele consta
Presente e passado
E o que vai acontecer

Não temo perigo
Inimigo
Castigo que possa ocorrer

Mundo moderno
Vida bandida
Estaria inscrito
No Divino Caderno
A bala perdida?

CORA COROADA

CORA COROADA

Chico Lino

Nesses dias de enclausurada
quarentena
Entre lives e limpeza
Do vasilhame doméstico
A família esperava um brownie assar

Veio ao meu sentido do forno
Um enorme desejo de saborear
Doces histórias da doceira goiana
A Poeta Cora Coralina

Bati à sua porta

Fui acolhido por um delicado sorriso
De avozinha surpresa com o neto
Estávamos na cozinha

Falou-me com gosto e sabedoria
Das miudezas da vida
Em seus poemas:

"Saber Viver"

"Aninha e Suas Pedras"

Das alcunhas da "Mulher da Vida"

A fraternidade universal
De "Ofertas de Aninha"

A umidade
Que semeia polmes dourados

No lixo podre, em "Becos de Goiás"

Do dia em que foi marcado
Com a pedra branca
Da cabeça de um peixe,
Em "Meu Destino"

Dentro de mim
Na minha vida
A vida mera das obscuras,
Em "Todas as Vidas"

Tantos outros mais...
Prometi sempre voltar

Nosso brownie ficou pronto
Estava muito gostoso

Mas Cora,
Para o sabor dos seus versos
Não encontro a palavra precisa
Só penso em doces-delícias...

ORELHARIA NACIONAL

ORELHARIA NACIONAL

Chico Lino

Desorelhados por furtos e outros
Saltando das telas de Hieronymus Bosh
Páginas de Gargântua e Pantagrue

Trazidas pelos ventos internautas
Vemos crescer industrialmente
Grotescamente
Orelhas humanas sob peles de ratos

Tão úteis ao capital
Se penalidades portuguesas medievais
Retornassem

À Chapelaria, no Congresso Nacional
Acrescentaríamos um puxadinho
Inaugurado com pompas e tropas
E nome da mãe honesta de alguma Meritíssima Excelência,
A ORELHARIA NACIONAL

Construção muito útil atualmente
Pois à mão, todo parlamentar
Teria a sua orelha, e justa homenagem
Aos nossos antepassados

Já que a fedentina fisiológica dos palácios
Atinge Oiapoque e Chuí
Drenaremos para o Rio Doce
Mais esse consternado silêncio mundial

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016

PÖEMOR

PÖEMOR

Chico Lino

Pöe

Sia

Tem

Cor

Voz

Cast(os)elos

De torres sinistras

Es

Cara

Velho

De

Ouro

E

Terror

- in Voo, 1982

OM

OM

Chico Lino

Fim de ano contanto
Uníssonos os últimos segundos
De dois mil e quinze
Quando parece que o mundo
Explode na voz de Marília Mendonça

Vai me dando um não sei o que
Na região abdominal
Sartre e Freud explicassem
Talvez, a sensação de um filme
De Hitchcock e Luís Buñuel
Num suspense surrealista, crescente, continuado

Mais alto ainda é a estridência
Musical da cena de facadas na banheira
Que não acaba com o olho da moça
Cortado com afiada navalha e sangue pingando

Mostrado por Karl Sagan nos últimos segundos
De trinta e um de dezembro do Calendário Cósmico
Sendo polemizado na (COP21).

Calmamente peço:
Vamos flexibilizando pontos tensos da corda
Pois em si partindo o som pode
Não estourar só no Norte

Na noite de Natal uma árvore
Cintilava no céu pareia à maior lua
Pus-me de joelhos, escolhido,

Ungido de santo e lentes

Corrigido do astigmatismo e miopia
Vieram-me questões e tantas aparições
Milagres em priscas eras
Sem iluminação, televisão e catarata

Períodos de obscurantismo e muita brutalidade

Trevas no livro O Físico, operando catarata
No século XI sem anestésicos

Obscura claridade em O Tao da Física
Moderna por não encontrar palavras para explicar tudo que vêem

Ponto de Mutação demonstra:
Toda matéria provém da luz
O que comemos é luz, somos luz
Pisamos luz
Daí achar expressiva a língua de Einstein saliente

Surreal ou suspense
Andar sobre luz compactada

Shi, Ki, Kundalini, Libido, Orgone e Divino Espírito Santo
Variações sobre o mesmo tema

Mais Wilhelm Reich
Mais sua revolução sexual mais

Amor, amor, amor...

Sem a tensão Vitoriana embutida
Na soma dos quadrados pitagóricos
Gritando muito alto e de cara, bonito
Na voz de Marília Mendonça

Eco, eco, eco

"Esto que estás oyendo
ya no soy yo...", de Jorge Drexler.

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016

SINAL DOS TEMPOS

SINAL DOS TEMPOS

Chico Lino

Na Feira Hippie, em Goiânia
Uma das maiores ao ar livre
Na América Latina

Acontece aos domingos
Na Praça do Trabalhador

Podemos encontrar
Confecções, artesanatos
Cerâmicas, tachos em cobre
Obras de artistas renomados
Comidas típicas de outros estados

Em meio ao burburinho

Um vendedor ambulante
Pregoa com voz suave
E tom profético
Realísticas esculturas
Em papel machê:

- "Olha a bosta, olha a bosta..."

NUA E CRUA

NUA E CRUA

Chico Lino

Risco sempre tem
Passear na bosque
Somos lobo também

Como a lua
Temos uma banda
Sombria e crua

No presente
O passado é uma roupa
Que vamos usando mais

O conto que conto
Dispensa crescer
Pranto

Enredo tortuoso
Faz ninar
Menino dengoso

Era uma vez...

Chapeuzinho vermelho
É alerta contra lobos
Esboçando metálicos
Ortodônticos precisos
Sorrisos

Era uma vez...

A bruxa antropófoga tinha casa
Feita à guloseima fina
Mas salivava por João e Maria
Seu desejo de proteína

Era uma vez...

No castelo de Isabel Báthory
Bem educada Condessa húngara
Nascida em 1560
Foram encontrados corpos
De centenas de meninas
Pré-adolescentes
Que tiveram suas íntimas partes
Devoradas pela condessa.

A medicina antes de ser Ciência
Receitava para quase todos enfermos
Sangue de jovens
Mortos com violência

Na época dos gladiadores
Comum era a invasão das arenas
Após os "espetáculos"
Buscavam sangue dos mortos
Para alívio de algum mal

Em conflito ou guerra
O canibalismo foi usual
Da Antiguidade aos Tempos Modernos
Nos quatro cantos da Terra

Europeus vieram para o Brasil
E escandalizaram-se com a nossa nudez

Tupi or not tupi

Não é mais a questão

Veja quão cultural é

O Manifesto Antropofágico

Evoé

Oswald de Andrade

Meu irmão

PODERES

PODERES

Chico Lino

O Brasil tem

Três faces

Ladro A

Ladro B

Ladro C

Juntos

Os

Ladros

Agem

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016

NO PASSO DO ELEFANTINHO

NO PASSO DO ELEFANTINHO

Chico Lino

Sabe por que elefante dança
No picadeiro do circo?

Pavlov explica
Reflexo Condicionado

Música e choque elétrico
O paquiderme busca alívio
Levanta suas patas

Após infindáveis sessões
Retirada a eletricidade
Ao ouvir a mesma música
À espera do choque
Suspende as patas
Brindando a plateia com "show"

De forma semelhante
condicionamos
Homens e mulheres

Tratamos igual
O que é diferente

Não existe nada
Nem ninguém igual

Isso é parecido com aquilo
Nunca igual
Somos sistemas semelhantes

Se isso é igual a aquilo
Não temos duas coisas
Temos uma coisa só

É a visão uniforme
Num mundo díspar

É mais fácil rotular
Classificar, estratificar
Carimbar e arquivar

Ululante são as evidências
Algo precioso estará
Se perdendo

Com um tapinha na mão
A criança
Ao dar os primeiros passos
Não colocará o dedinho
No buraco da tomada

Após infindáveis tapinhas
Teremos adultos sem iniciativa

Temerosos inconscientes
Do "tapinha"
Aguardam um adulto
A comandar

POEMA CRÔNICO

POEMA CRÔNICO

Chico Lino

Um homem vai à roça
Passa todos os dias por um caminho
Onde uma ponta aguda de cipó
Quase lhe fura os olhos
Ele abaixa-se e diz
Um dia alguém irá furar os olhos
Neste cipó

Até que num triste dia
O sabido cipó
Cega um de seus olhos
E ele exclama
Eu não disse que um dia alguém
Furaria os olhos neste cipó?

Assim como neste fictício preâmbulo
Agimos em relação à Terra

Quem grita contra o assoalho
Feito de peroba
Lindos móveis de jacarandá
Jequitibá que adornam seus lares?

De Colatina Velha
Às margens do Rio Doce
Lembro-me de toras boiando
Para as vorazes serrarias de Barbados

Dinheiro nadando
Progresso, fartura

Quem se deu conta
Que depois daquele meandro
Surgiria o mar de lama em que nos afogamos?

Temos milhares de neurônios
Mas usamos só os roedores
Tico e Teco

Misóginos
Matamos mulheres e homens
Em nome da rosa

Como no filme, o prepotente fala:
"Eu trabalho na Vale do Rio Doce"
Queria comer
A personagem de Fernanda Torres
Não amamos
Comemos

As empresas nunca pagaram seus crimes
Não pagarão
Contestarão num labirinto de recursos
Até cair no esquecimento
De outra carnificina na Europa
Ou sei lá o que
Na América

Sem problemas
Em salvar sua estirpe

Os donos da Vale
Baterão o pó da Terra
Dos sapatos de couro
Do último jacaré
Numa jornada de primeira classe
Rumo a um novo empreendimento

No Planeta Marte

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016

"NAO CONSIGO RESPIRAR"

"NAO CONSIGO RESPIRAR"

Chico Lino

O avanço da civilização

É medido pelo avanço da energia

O homem na Idade da Pedra

Venceu a Guerra do Fogo

Cozinhou seus alimentos

Clareou suas cavernas

Afastou seus predadores

Criou armas de ataque/defesa

Milhares de anos se passaram

Até a invenção da máquina a vapor

Movida a carvão

Símbolo-alimento-energético

Da Revolução Industrial

O fogo transformado em movimento:

Grandes fábricas, transportes

Combustíveis fósseis

Carvão mineral, petróleo

Gás natural

Energia atômica

O Gás Carbônico, CO₂

Aqueceu o Planeta

É imperativo que sua emissão zere

Toda a Terra está gritando

"Não consigo respirar"

Como se um joelho de CO2
Obstruisse suas vias respiratórias

Que fazer...?

Zerar os bens de consumo?
Zerar a mobilidade adquirida?
Zerar a indústria de alimentos?
Zerar a ganância humana de lucro?

Não! Zerar a própria humanidade...

Já está decidido:
Pelos Bills Gates, Sohos, Rockfellers...
Esses que imprimem na alma comum
Tantas queloides

O livro, Inferno, de Dan Brown
Nos prende em um labiríntico suspense
Pela Itália e Marrocos, à cata de engenhoso
Artefato, arquitetado por excêntrico ricaço que levaria a humanidade ao fim;

Encontrado o artefato,
O leitor desavisado sente-se aliviado
Ele só esterilizará as pessoas...

Esterilização? Só?...

Não, na vida real, temos o Covid-19
Sabidamente "escapado" de laboratórios militares
Algumas vacinas e outras pandemias
Programadas, não para zerar
Mas para tornar o planeta mais respirável
Para os Bills, Sohos e Rockfellers

Para quem acredita
Até à próxima encarnação

VOO

VOO

Chico Lino

Tenho na boca

Este ramo livre

- Minha poesia

Vo(u)o...

Flecha

Pomba

Ligeiro

Receber na praça

Pipocas...

Migalhas dos turistas

Literários

- In VOO, 1982

SEM RETORNO

SEM RETORNO

Chico Lino

O coração de um querido amigo

Não suportando

As aceleradas pulsações

Deste mundo em transe

Parou de bater

Dias depois ao celular

Navegando no Google

Um link precisei guardar

Enviei para o seu Watts-App

Quando busquei pelo arquivo

No dia seguinte

Notei que ele havia sido lido

Estou estupefato

Até hoje o meu amigo

Não retornou

Ao meu contato

KOAN

KOAN

Chico Lino

I

O que é que é

Volta de Tubarão

Esticando o Ourobours

Em dismantelo

II

O que é que é

Privada que faz nos outros

Assistindo Johnny Deep dando show

III

O que é que é

Vendedor de pinga

Pinguelo, banquetta

Mulher dama

IV

O que é que é

Cara de insônia, olheiras

Na porta do cemitério

Querendo pregar martelo

Em estopa

De olho no antes do início

Daquilo que embalsama pirarucu

Pra ficar muito mais gostoso

V

O que é o que é

Folgado por cinco estrelas
De interjeição muito dolorosa
Continuador de ganhar muito
Tem a boca de envelope
Quando fala é pra ninguém
Fazer o mesmo
Tomou todas as providências
Pra chamar de não faz nada
Quem já muito fez

Não erre esse

Ele é muita coisa

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016.

SOFÁ NA BACIA

SOFÁ NA BACIA

Chico Lino

Jogamos fora a água suja
Da bacia, esquecemos
A criança dentro

Vendemos o sofá
Ao preço da traição
Que ele nos conta

A Terra não é mais
O centro do nossa
Universo

"O sonho acabou"
"Deus está morto"
"O fim da História"

O normal acabou

Vivemos os últimos segundos
Do dia trinta e um de dezembro
No Calendário Cósmico

Santo Agostinho criou
O pecado original
Queria combater
Os gnósticos
Preservar o dízimo

Enfrentamos as pragas
Do nosso apocalipse

Diário no inferno
Que inventamos

Já temos até a palavra
Para o pós-tudo

Apocatástase

Mesmo sabendo
Que os mortos
Por quaisquer motivos
Não retornarão
Após quatro anos

CARO CASTRO ALVES

CARO CASTRO ALVES

Chico Lino

Os navios negreiros

Voltaram

De forma diferente

Não menos

Cruel

Pensei até

Que seus passageiros

Viessem exigir

Ouro, marfim,

Diamantes

Indenizações por

Seus antepassados

Não...

Rogam abrigo

Numa Europa

Erguida por eles

Com recursos deles

Provindo

Em terras africanas

Reina o terror

A fome

Meu caro

Não sabemos

Se os colonizadores

Pagarão essa dívida

Caro Castro Alves

Em seu poema

Onde fala de horror

Melhor seria

Usar a palavra

Crueldade

Pois horror

Engendra medo

Já da palavra cruel

Etimologicamente

Escorre sangue....

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016

"ESTEVES SEM METAFÍSICA"

"ESTEVES SEM METAFÍSICA"

Chico Lino

Posto em linha reta

O pensamento oblíquo

Dobra esquinas

Sob chuvas ácidas

Bebe em pés sujos

Trôpego

Em pensamento

Adentra portas e janelas

Vaga cômodos

Onde mulheres ou homens

Exercem a solidão

Transcende aos fumódromos

Acena ao "Esteves sem metafísica"

Voyeur das ninfas

Nos Templos de Vênus

Onde nasce a fé ocidental

Esposas dão alegria ao Lar

Muito dinheiro

Orgulho ao cônjuge

Por prazeres ensejados

A forasteiros

Após pagar o "barato"

Do Templo

Não tem amigos
Frequenta confrarias

Abandona anciões doentes
Crianças nas ruas
À própria sorte

Pula no seu próprio vazio
Da Terceira Ponte
Sangra a lâmida d'água

Tem pressa

Não há pecados
Nem verdades
Apenas versões
Pontos de vista

Assim segue sereno
Sem metafísica

HISTÓRIA

HISTÓRIA

Chico Lino

Parado aqui

Não digo nada

Faço

Revejo posições

Peneiro a memória

Ando sobre dormentes

Nesta estrada

Sem Glória

Do topo do mundo

Séculos cegos contemplam

Matizes e Matisses

Colorem, ó Vitória

Rainhas loucas

Marias

Reis Pedro, Manueis

Generais adoram

Odoram e marcham

À ré pública

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016

IMEDIATO SABER

IMEDIATO SABER

Chico Lino

Que nos serve saber
Se o transbordamento
originou o Grand Canyon

Ou como se deu a separação
Dos continentes da Pangéia

Que a Terra é o inferno de outro planeta

Saber o violento segredo
Da galáxia canibal

Se um etezinho joga bolinhas de gude
com os multiversos

Que derrotamos o gigante Golias
E à deriva evoluíram as espécies

Que temos bombas para explodir nosso próprio planeta tantas vezes

Saber que qualquer objeto inanimado ou substância capaz de absorver, reter e transportar organismos contagiantes ou infecciosos, de um indivíduo a outro chama-se, fômetis

Se um microscópico vírus
Nos enclausura
E pode apagar
Tanto conhecimento

Sonhamos o mundo ideal

Amanhecemos num pesadelo
De paralisar a respiração
Literalmente

IMPACIENTES

IMPACIENTES

Chico Lino

A idade

Vai nos tornando

À meninice

Longevos ficam impossíveis

Quedar muito tempo de pé

Permanecer muito tempo sentado

Deitar então

Nem pensar tal posição

Nos tornamos

Perfeitos impacientes

Pacientes

O tempo

É portador das contas

De peripécias da juventude

Agruras do "aquém-túmulo"

DUO ELOS

DUO ELOS

Chico Lino

Bati de frente comigo
Num beco sem saída

Perigo

Foi violento me encontrar
Quis fugir de mim e do lugar

Fomos a um bar

Um guardanapo rabiscado
O número "1" feito linha estrangulada
A letra "K" num tosco desenho do mundo
Um "E" feito de sinais de soma

Perguntei-me o significado dos rabiscos
Disse-me:
"Um de nós
Cá no mundo
É de mais"

Não era para rir, paciência...
Vamos resolver essa pendência

Ora
Não consigo deixar para amanhã
O que posso agora

Num baldio terreno
Fui comigo

Ao extremo

Como americanos

No Velho Oeste

Batemo-nos em duelo

Num faroeste

Eu atirei

E

Eu atirei

Em sangue

Feito lamaçal

Vi o meu corpo

Sem vida

Deixei o local

Numa encruzilhada

Lá estava outro eu

Canto da boca sorrindo

Bem vindo

CONVENCIDO

CONVENCIDO

Chico Lino

A escova

Exibe seu penteado

À lá creme dental

Para mim sorri

Tempos a-menos

Horríveis trocadalhos

Dados lançados

Param no ar

Há algo no mundo

Na capital do país

Ionesco

Sua Cantora Careca

Desfila entre Rinocerontes

Gênios mestres

Coçam as partes

Por falta de cabeça

Fomos vencidos

O escâner não identifica

Na falha impressão

Os números

Do código de barras

Estou convencido
O ser humano foi vencido
No seu prazo de validade

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016

NÁUSEA

NÁUSEA

Chico Lino

O professor dá aula
Ao aluno que se destaca
Em sua disciplina

A flor
A cor
A dor
O medo
E o ódio

Já acuaram
Um animal num canto
Sem saída?

Não pretendo dinamitar Manhattan

Preciso implodir
A cobra que come minério
E cospe no Rio Doce

Verdadeira serpente
Impunimente
Mente
Entorna e torna
O mundo condescendente

Quem ganha no jogo
Dá as cartas

Quando haverá sua chance

Meu irmão?

Em sorteios

A concorrência

Vai sendo eliminada

No início

Com brindes fúteis

O principal prêmio

Será para poucos

Propagandas

Enganos à parte

No logo

Das tintas Sherwin-Williams

Uma pequena lata de tinta

Cobre o globo terrestre...

Essa marca

Vinha sempre à minha mente

Nos regurgitados pileques

Juvenis

Coca-Cola e Rum

Argh,

Deuses olímpicos.

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016

TABUADAS

TABUADAS

Chico Lino

In memória de minha mãe, Dália Barbieri

Com antolhos

Tudo em volta é deserto

Tudo incerto

Com sete vezes sete:

quarenta e nove

Preenche toda lousa

Tempos de castigo

"Bolos" em mãos

Espalmadas

Pernas ou braços

Palmas

Orelhas em brasa

Bocas apimentadas

Joelhos em milhos

Pedrinhas de enxurradas

Não suporta a dor

Brusco levantar

O cristal pesado nos papéis

Sobre a mesa

Rola

Expulsão de aluna

E dentes professorais

É o que sei

Nunca mais escola

Muito imaginei

Menino

Minha mãe

Menina

Não esboçar nada

Que não exista

Pensa

Logo existirá

Utópica distopia

Sem gravidade plena

Plainam a Terra

Onde células planejam

Seus planos

De dois e dois ser cinco

Sob um céu estrelado

No Vale do Canaã

Ou

Barracão de Baunilha

Mas aqui no Brasil,

"O quinto dos infernos"

PAU DE ARARA

PAU DE ARARA

Chico Lino

Contava com sete anos
Quando da sala de trabalho
De meu pai

Deixo a precisão redondinha
Das teclas de uma Remington

Vagueio pelo infindável corredor
Da cadeia pública de Colatina Velha

Busco algo que só crianças buscam

Atento a um som seco
Seguido de grito de dor
Desço escadas
Paro no canto da porta

Sem ser visto
O que vejo?

Era o pau de arara

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016

MOSAICO

MOSAICO

Chico Lino

Portas abertas

Ao tac-tatac...

Da Maria Fumaça

Nas emendas dos trilhos

Da férrea estrada

A estridência prolongada

Do apito

Em áreas habitadas

Janelas abrem

Olhos atentos à preguiçosa

Vazão do cristalino

Rio Doce

A primeira bola de futebol

Despede-se girando

No remanso meandro

Soluços engolidos

Na falta de cuidados

Com o escudo glorioso

Muros altos

Pintados em celeste azul

À base d'água

Paredes profundas

De triste memória

Uma moldura ovalada
Tem minha mãe e meu pai

Ela sorridente vestido vermelho
Ele sisudo terno azul

Aquele soldado sob quepe
É um falecido tio de meu pai

Aquele outro
Numa moldura retangular
Tem uma faixa transversa ao peito
É o presidente Getúlio Vargas

Sempre estive ali
Membro da família

OVINHO DE NATAL

OVINHO DE NATAL

Chico Lino

Véspera de Natal

Convivas alegria

Vão abrir aquele vinho

Há muito esperando

Data especial

Fui escalado

A descer ao porão

E resgatar o raro prazer

Tão bem guardado

Mentalmente

Resmungando, "tudo eu"

Fui condescendente

De barro batido

O porão rescedia

Aço de ferramentas

Armas, tralhas esquecidas

Menino,

Não foi fácil acessar

Sob tarrafas, caixas

Zagaias e varas de pesca

Troféu tão singular

Achei

Puxo a garrafa pelo gargalo

Ai, a Missa do Galo...

Um ovinho rolou
De mansinho
Rodopiou e pocou
Contra a tábua da prateleira
Num leve estalinho

Dele saiu
Assustadinha
Uma lagartixinha
Que sumiu na poeira
Do porão...

Era Natal no meu coração

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016

CATEQUESE

CATEQUESE

Chico Lino

Bruma suspensa

Nesta noite leve

Ensina-me

O segredo de ser

Breve

Um orgulhoso homem

Construiu um cômodo

Onde guardava

Uma pedrinha

Por cada missa

Assistida

Certa vez

Ficou contrariado

Por não poder

Inserir mais uma pedrinha

No construção

Teve que acudir

Alguém que precisou

De seu préstimos

Passados muitos anos

Reuniu a família

Queria contar quantas missas

Havia assistido

Abriu orgulhosamente

A porta

Lá encontrou
Apenas
Uma pedrinha

Bruma suspensa
Nesta noite breve
Ensina-me
O segredo de ser
Leve

BOITATÁ

BOITATÁ

Chico Lino

Fogo fátuo sobe
Se há apodrecimento
Orgânico

Tropeço na sombra
Caio em mim
A morte não é o fim

Amo a Dama da Meia-noite
Bebo o Diabinho da Garrafa

Deitado de braços
Fujo da Mula sem Cabeça

Fumo o cachimbo do Saci
Como anda o Curupira

Viciado em cicuta
Como a Arvore do Conhecimento

E por tudo que passei
Vivo por acreditar
"Que só sei que nada sei."

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016

OS PARDAIS

OS PARDAIS

Chico

Vieram os pardais
Da Europa para conhecer
O Brasil

Vieram em bandos
Sobre o mar
Ruflando as asas
Eufóricos

Ao então rico
Casto e poético

Cambaxirras
Aqui tinham ninhos
Sanhaços deliciavam-se
Com abundantes frutos

Andorinhas, livres ao vento
Plainavam ao sol das tardes

Os pardais
Há muito estão aqui
Estabilizaram-se

Onde os sanhaços
Onde as cambaxirras
Seus castos ninhos
Onde a poesia e as andorinhas?

Jazem todos sufocados

Por pardos ais

- In Poético ou Patético, 1980

DOMO

DOMO

Chico Lino

Ainda no paraíso
Deus nos privou
Do fruto da árvore
Da sabedoria

A cicuta
Priva Sócrates da vida
Por ensinar que não sabia
O que sabia

Vivemos privados

Favelas são
Elegias à privação
De direitos

Condomínios
Cercas elétricas
Carros blindados
Privam os sentidos
De senso e justiça

O carcereiro
Também
É preso da masmorra

No cantar do Martelo das Bruxas
Dançaram
Joana (s) D'Arc (s)
Giordano (s) Bruno (s)

Galileu Galilei
Não sambou
"Eppur si muove"

Vivemos prisioneiros
De uma sórdida
Dicotomia

Isto ou aquilo
Bem ou mal
Deus ou diabo
Certo ou errado

Como se valsássemos
Pensamentos e ações
Em "dois pra lá, dois pra cá"

Sem reconhecer as infinitas
Possibilidades do jazz

Cai muitas vezes
Aprendi a pular e pegar
O bonde andando

Bambus gingam
À passagem do vento

Empiricamente
Criamos o mundo
À nossa imagem
E semelhança

Ainda no paraíso
Deus nos privou
Do fruto da árvore

Da sabedoria

HOMEM-BOMBA

HOMEN-BOMBA

Chico Lino

A comemoração é junina
Sem vaidade
Com alegria e guloseimas
A fogueira arde

Nestes folguedos
Meninos espocam bombas
Estalinhos até mais tarde

O homem-bomba explodiu
Sua indestrutível crença
Em mais de mil

O homem-bomba
Numa noite de São João
Seria um menino

Que a fé milenar
Tornou ao pó
O seu destino

Através da fresta
Da porta
Um feixe de luz
Traz a lume galáxias
Em grande festa

Féculas, poeira
De pálidos pontos
Sem azuis

Humanidade

Seria toda a existência em vão

Nossas vidas não passar

De uma bolhinha

De Sabão?

COLAPSO

COLAPSO

Chico Lino

Entre ferros, ferragens

E ferrugens

Muita coisa encontrei

A moral jazia enlameada

De óleo diesel maculada

Amores antigos

Entre flores plásticas

Perdidos

Que abuso

Muita honestidade

Sem uso

Crianças não estudavam

Retintas na graxa

Sem graça

Trabalhavam

Entre molas

De um roto estofamento

Lamento

Numa Bíblia

Falsamente jurada

Havia escrito indelével

Dizimada

METAMORFOSE

METAMORFOSE

Chico Lino

Nasce a rola

Seu ninho de capim

Tecido por mãos carinhosas

Ela cresce

Cria de seu ninho modesto

Aspirações gigantes

Chove, chove, chove

O verão aproxima-se

De sua vidinha modesta

É chegada a hora de voar

Nos seus voos

De pequena ave

Descobre o desejo das alturas

Transforma-se em águia

E voa...

Agora com mais energia

Sobrepondo-se

Dos ínfimos rochedos

Aos mais altos píncaros

Lá, ela, agora da rapina

Plaina majestosa

Com toda potência de sua raça

Sopram ventos frios

Ela sente saudades
Do seu ninho de capim
E das mãos que o teceu

Quer voltar
Mas já não é simples rola

Na impossibilidade
De voltar e rever as mãos tecelãs
Do seu berço
Ela sofre, chora e sofre

Mas não deixa que vejam
As lágrimas correrem
Na sua majestosa plumagem

Mesmo cravada
De dolorosos sentimentos
Ela continua imperando

Imperando a espera
De que outra rola
Metamorfosee-se

- In Poético ou Patético, 1980

EM BUSCA DA PERSONAGEM

EM BUSCA DA PERSONAGEM

Chico Lino

As palavras do professor
Ressoavam nítidas em minha cabeça
Quando sai da aula
De Criação da Personagem

Contava nessa época
Com meus dezessete anos

Cursava Teatro
Queria ser ator

Eram quase cinco horas
De uma plúmbea tarde

Caminhava entre transeuntes
Em busca de condução

Resolvi praticar as teorias
Que acabara de apreender

Ia à minha frente um rapaz
Que devia ter minha idade:

Cabelos loiros, barba rala
Olhar fixo na calçada

Passei a segui-lo

Como um espelho
Procurei imitar todos seus movimentos

Adotei o arqueado
Que ele tinha nas costas
Cabeça baixa

Mantinha uma confortável
Distância para não ser flagrado

Em seu rosto havia um certo desespero

Procurei adotar aquela máscara facial
Ao tempo que imaginava as razões
Que o levaram àquele estado

Fomos andando

Ele com suas razões
Eu interessado nelas

Me projetava cada vez mais
Na minha personagem

Num repente
Ele me fitou

Senti-me apanhado

Vi um brilho viscoso
Em seus olhos

Eram os mesmos
Com os quais eu o fitava

Senti-me descoberto

O mesmo sentimento

Pareceu ele ter

Os gestos que ele fazia
Já não eram miméticos pra mim
Estudante de teatro

Gestos que eu já repetia
Sem querer àquela altura

Ele chutou uma pedra
Meu pé foi e voltou doendo
Gritei

Dos seus lábios saíram o som

Eu disse, me deixa
Ele disse me deixa
Com o mesmo tom
Na voz

Passamos por um viaduto

Voltei à claridade da tarde
Não o vi mais

Levei as mãos a testa suada
Eram as mãos brancas dele
Que me enxugavam

Qual era a minha cor
Minha voz
Como era

Quem seria ele
Eu, quem era

Buzinas alimentavam
A minha-nossa confusão

Houve uma freada
Antes do baque

Soube depois

Um jovem de dezessete anos morrera
Ao passar pelo viaduto
Depois da saída da Escola de Teatro

Queria ser ator

HISTÓRIAS DO RIO DOCE

HISTÓRIAS DO RIO DOCE

Chico Lino

Lá vem dona Corina...

E toda a sua família descendo

O Morro do Graças a Deus

Todos pedem que não se atire

Nas revoltas águas

Do Rio Doce

Que a vida é assim mesmo

Filhos dão trabalho

Muitos então...

Filha de escravos libertos

Abandonada por marido alcoólatra

Dona Corina

Firmada em queixas e propósitos

Tem o olhar caudaloso

Distante

Na beira do rio

Senta sobre a pedra

Liberta-se do calçado

Espera que os pés esfriem

Tem medo de pegar resfriado

TELÚRICO COLIBRI

TELÚRICO COLIBRI

Chico Lino

Não dou importância
Que você me prenda

Nem que me enforque

Que atado a cavalos
Meu corpo
Seja aos quatro ventos

Espete minha cabeça
Numa estaca
Sirva o petisco

Exemplo da famigerada
Crueldade de sua proveniência

Mas cuidado

Não ouse salgar
Minha terra
Onde medram hibiscos

Pois meu ofício
É beijar flores

In, Sentimentos do Rio Doce, 2016

JE SUIS BUGRE

JE SUIS BUGRE

Chico Lino

Pensa que Bugre é etnia

Bugre é não

Bugre é negação

É pejorativo religioso grego

Aos heréticos búlgaros

Indomáveis e violentos

Tornados pior

Aos olhos invasores

Infeção sem cura

Eu sou Bugre

Não como covardes

Não temo deuses

Nem demônios

Venha

Eu "escomungo" a ti, "civilização"

Sua ignóbil cristandade

Seu jeito de morrer

Cordeiro

O estupro sífilítico

Toda sua infecção histórica

Depositada em meu ventre

Que passo às gerações

"Sutil, llegaste a mi, como una tentación"

Que história

Que vida

Que morte

Sou Bugre

Não suporto seu jeito

De achar que sinto dor

Cruenta

A doer muito

Intensa, abundante

Mais

Não tenho etnia

Sou Tupi

Avá-canoeiro

Guikuru, cavaleiro

"Hércules pintado"

Xerente

Tucan-tin

Todos

Vivem em mim

- In Sentimentos do Rio Doce, 2016

GAFANHOTOS

GAFANHOTOS

Chico Lino

(Intervenção em Artigo de Malu Aires e letra de Chico Buarque)

Não há mais como tolerar os gafanhotos

Destroem nosso país colocam em risco a vida de todo o planeta

São eles que organizam desfiles

Pelo fim da nossa democracia

Pelo fim da nossa soberania

Entregam o patrimônio

Não toleram que o povo se alimente

Criminalizam o trabalho no campo

Batem com chicotes em famílias que plantam, colhem e distribuem alimentos para todo o país

Matam o Brasil à bala, abandono e fome

São estes gafanhotos que vão às ruas, armados, sempre quando o interesse é a sua fome

Batem em mulheres

Estupram meninas, crianças

Matam as mães dos próprios filhos, por qualquer motivo

Não toleram que o Papa diga que estão errados

Ameaçam padres de morte

Odeiam a solidariedade

São estes gafanhotos que vão à igreja lavar dinheiro, em troca de perdão

Invadem escolas, ameaçam professores

Invadem hospitais, agridem médicos

Invadem aldeias, matam índios

Nas cidades, dão tiros pela janela dos seus apartamentos

São estes gafanhotos que saem armados, ameaçando todo o Brasil de morte

Ninguém tolera mais esses gafanhotos vômitos de verde, mijados de amarelo.

Empacotados numa bandeira que desprezam cantando o hino de um povo heroico que eles matam, brincando

Dizem:

"Precisamos salvar a economia"

Mas foram eles que destruíram a economia do Brasil

Tomam o pouco de dinheiro que os pobres suam pra ganhar

Insetos que não têm medo de ser filmados cometendo os mais absurdos crimes

Dizem:

"Vamos salvar as famílias de bem"

Mas são as famílias que devem se salvar deles, antes que seja tarde

Estão aí, os gafanhotos

Que a mídia vendeu como se valessem alguma coisa

Como se tivessem palavra,

Como se tivessem alguma serventia

(além de suborno).

Lá vem a gafanhotada do atraso

Do preconceito

Do ódio

Da covardia

Da mentira e da pandemia

Tá no DNA, tá no sangue, tá na cara

Gafanhotos não valem nada

"Não existe coronavírus"

Esta é a nova campanha mentirosa dos gafanhotos assassinos

.

"Vamos salvar o Brasil"

É o Brasil que deve se salvar deles Imediatamente

Já toleramos tempo demais,

o descabido "direito" desses gafanhotos desgraçados nos matarem

Já ouvimos tempo demais suas mentiras

Já assistimos patifarias demais

Já sofremos perdas demais

Estados Unidos e Europa já aproveitaram muito da desonestidade dos gafanhotos

Privatizam a água

Ganham muito

Com petróleo

Minério e barganha

Negociados com o ódio deles pelo Brasil

Poderiam recolher esse lixo antinacionalista,

Levar embora esses gafanhotos da corte

Antes que fechem a porta, apaguem a luz

E abram o gás.

PENSAR

PENSAR

Chico Lino

Quero pensar muito
E que não doa tanto
Minha consciência alheia

E pensando alheamente
Não venha doer a consciência
Das coisas

E nas coisas
Não encontre tanta dor
Para minha consciência

- In Poético ou Patético, 1980

CHEIRO DE MEDO

CHEIRO DE MEDO

Chico Lino

Escravo da invenção

De que o trabalho enobrece

O voluntário servidor

É feliz encilhado

Tagarela de suas pantomimas

Abertas as perigosas

Cortinas passadas

Contemplamos assustados

A aquarela

Não a Aquarela de Ary Barroso,

Na sora voz de João Gilberto

Vemos em cada cômodo

Por entre a velha

Conhecida mobília

Surgirem tremulando

Numa escuridão expressionista

Fantasmagóricas lembranças

O berro

O grito

O urro

O medo é uma pulsão

Que exala cheiro desagradável

Daí cachorro atacar

A quem os teme
Sensíveis ao mal cheiro
Do medo
Que agride seu faro

Agredidos
Somente humanos
Dão a outra face

Sempre soube
Que medo tinha cheiro

Não identificava
Até entender melhor
Sobre transmutação nuclear

Hiroshima
Nagasaki
Chernobyl

Alguma coisa no ar
Como ondas de rádio
Que a gente nunca vil

TRANSPARÊNCIA

TRANSPARÊNCIA

Chico Lino

Aí,
Um elefante
Com asas
De transparência libelular

Pousou feito borboleta
Na flor da minha cabeça

Chupou feito amendoins
Meus miolos

Hoje, é elefante
Só. Tá no chão
Eu, sem miolos
Vivo no ar

Com asas
De transparência
Libelular

- In Poético ou Patético, 1980

O MICO

O MICO

Chico Lino

Hoje é domingo

Pede cachimbo

Pede praia, futebol

Samba, cachaça

Sem sal e sol

Sem graça

Entramos em túnel às cegas

Sem sombra de vulto

Tosca sensação real

Tateamos algo viscoso

Entre secreção de lesmas

Bananas podres

É fundo o poço

Nenhuma luz vela

Lembranças abissais

Luzia, Lucy, cavernas

Meliantes delirantes

À sorrelfa espreitavam

Nosso grito foi fraco

Caímos todos no buraco

O buraco era fundo

Ninguém salvou o mundo

CARVÃO

CARVÃO

Chico Lino

Enquanto o carvão desliza
Na folha alva de papel

Letras
Morfemas
Escolhidas palavras
Escondidas

Grafam, grifam
Sonoros versos
Muitos, adversos

Linhas, estrofes
Vão revelando poema
Que o pensamento ordena

Minha mão
Vai conduzindo

O carvão
Vai se esvaindo

É toda uma filosofia
A poesia

Como o carvão
Vamos deixando
Pela vida
Uma impressão
Sem saber se será

Bem acolhida

O professor redundou

“O significado da nossa existência

É descobrir o significado

Da nossa existência”

Acreditando que entendi

Com carvão

Esta página imprimi

A perguntar

Há uma mão

A nos guiar?

E quando o carvão

Não mais grafar?

VOUCHER

VOUCHER

Chico Lino

Nem tudo vale

No vale tudo

"Voucher..."

Vale almas

Vale o inegociável

Em nós?

Créditos de Carbono

Vale-Ambiente

A Vale

Vale o Rio Doce

Ou justifica um vale?

Aos santos

Promessas embriagam

Na contabilidade da vida

A Vale

Não vale

Uma Cibalena vencida

INHAMBU

INHAMBU

Chico Lino

Filhos,

Melhor tê-los

E sabê-los

Esposa

Mãe zelosa

Tem sempre uma novidade

O lar sempre inova

Rãs fritas no almoço

Meninos

Cuidado com o osso

O pai chega atrasado

Delicia-se com o "inhambu"

Bem preparado

Chiquinho

Ao pé da mesa

Chega de mansinho

"Gostoso sapo né, pai? "

A cozinha ganharia novos utensílios

Ninguém mais falou um ai

Filhos

Melhor que tê-los

É fazê-los

PARADIGMA AUSÊNCIA

PARADIGMA AUSÊNCIA

Chico Lino

Enquanto brilhante e redonda
"A Lua vem da Ásia"

Baratas, processos
Convivem pacicamente
Sob chuvas de vacas de nariz sutil

Inscrevemos ao som
Dos tan-tans
Em cogumelos atômicos

Os vestígios

Que o futuro arqueólogo
Encontrará
Da presente civilização

Não erigimos, em pedras
Massivas pirâmides
Nem belos palácios ao amor

Com "diferenciadas" futilidades
Consumimos a nossa dor

Após o clarão de novas Rosas
De Hiroshima e Nagasaki

Em qualquer lugar

Haverá algo ou arqueólogo

A escavar?

Enquanto brilhante e redonda

"A lua vem da Ásia"

POEMA CONCRETO

POEMA CONCRETO

Chico Lino

A manhã se anuncia
A musa não veio
Visitar o poeta em vigia

Atento
Vagou jardins floridos
Rios, mares

Observou borboletas
Em pensamento

Ouviu o farfalhar das folhas
O ulular das aves noturnas
O vento

Cães ladraram longe
Ao silvo do guarda noturno

Pensou a humanidade
Sondou docemente a vida
Em silêncio

Esperou
Ela não veio

Chaleira
Água fervendo
O café cheira

Sorve generosos goles

Afasta todas as ausências
Presentes

A madrugada vai perdendo
Seus últimos negros fios

É manhã

Lava as vasilhas
Toma banho
Dorme

Horas depois desperto

Tem renovada sensação
A vida é um poema
Concreto

NEM UMA VEZ

NEM UMA VEZ

Chico Lino

"Uma empresa como a Rede Globo é incompatível com uma Democracia"

Nem uma vez

No mais completo breu medieval

Em seus enebriantes delírios baquianos

Regados a vinho, chumbo

E absinto

Os europeus imaginariam

Que depois do vértice

Do cubo do mundo

No mais lúgubre e sombrio

Canto do "Quinto dos Infernos"

Fôssemos encontrar

Hoje

Mais de quinhentos anos depois

Tão horripilantes e perniciosos

Frutos da nefasta civilização

Monstros

Como os da família

Marinho

POLÍTICA FUNERÁRIA

POLÍTICA FUNERÁRIA

(Atualizando Carlos Drumond de Andrade)

Chico Lino

O miliciano municipal

Discute com o miliciano estadual

Qual deles é capaz de bater

O miliciano federal

Enquanto isso o miliciano federal desanda o país.

QUEM JÁ VIU

QUEM JÁ VIU

Chico Lino

O Sol

Açoita

Salga

A

Pele

Racha

Em

Rastros

Riscos

Mapas

Matas

Crianças

Quem já viu

Porco, galinha

Ou gado

Abandonados

No Brasil?

LUA NOVA

LUA NOVA

Chico Lino

Quase não acreditei
Quando você despontou

Era a lua sorrindo
Prata choque

Quanta eloquência
Trás sua rotação

Ser amante feliz
Não é tão difícil

Quando a lua cheia
Surge no céu
Sua luz embota
Meus sentidos

Sou cachorro louco
Babando de quatro
A urrar por você

Toda nua

Hora de rasgar camisas
Nos tocar inteiros

Hoje a lua
Não apareceu

Nuvens espessas

Cobrem seu riso

Prata choque

Por detrás de lágrimas

Meus olhos percebem

É de lua nova

A noite

LUA ARCAICA

LUA ARCAICA

Chico Lino

O sol brilha

Arcaica é a lua

De sangue

Temos os piores pesadelos

Estamos acordados

Condenados à vida

Sobrevivemos

Morremos de amor

Em cruzamento

Sem sinal

Cínicos

Sarcásticos

Sórdidos

Interesses nos move

Somos excelências

No que é ruim

Veneno posto

Vamos ao pasto

Anticorpos

De nós mesmos

Foto revelada

Ao sol

Breve desaparece

SENTIMENTOS DO RIO DOCE

SENTIMENTOS DO RIO DOCE

Chico Lino

Originou-me

A deriva do tempo

Vários vasos

Tornaram-me veia maior

A banhar

Minas e Espíritos Santos

Às margens

Sob sol justo

Frondosas árvores

Deliciosos frutos

Belas cores

Pelos, plumas

Em meu leito

A piracema pocava

Milhões de vezes

Elevado ao infinito

Em robalos

Cascudos, carás

Piabas, camarões

Lagostas, piaus...

A doar vidas

À vida

Em equânime reciprocidade

O paraíso é perigoso

Raios, riscos

Primórdios

Guerra do Fogo

Pedra e osso

Tenacidade, ganância

Ferro e bronze

A formulação do pecado original

Para combater os gnósticos

Metamorfoses

Invenções

Manufatura

Perspectiva na Arte

Impressão infinita

Novos processos

De produção do ferro

Chumbo, aço

A energia da água

Propulsão a vapor

Holismo, holocausto

Aviões, relatividade

Bomba atômica

Mentefatura

O Martelo e a bigorna

O Martelo das Bruxas

O martelo de ouro
No leilão das vaidades

O Coração das Trevas

Horror. Horror. Horror.

CRUELDADE

Esta lágrima
Enlameada
Que prescindir meus olhos
Mostrem aos que vão nascer

Como uma reles certidão
De que um dia eu existi

- Poema título do Livro de, 2016

PERSPECTIVA DO DIA

PERSPECTIVA DO DIA

Chico Lino

O medo das palavras que doem
Talvez não seja o medo
Das palavras

Há o medo de dormir e sonhar
O medo de estar acordado (de quê?)

Há o medo de ser amado
(Mas amar pra quê?)

Há o medo também de ser
E de não ser

Onde é o meio termo
Ponto de equilíbrio
Estabilidade das coisas
De tudo existente, extinguido
E o que há de existir?...

Pára de fazer pergunta boba, menino
E vai dormir, que são quase
Três horas da madrugada

- In VOO, 1982

PRIMAVERAS

PRIMAVERAS

Chico Lino

Há quem acredite
Os livros escolhem
Seus leitores

Meu primeiro livro
Não didático
Foi muito didático

Meados dos anos sessenta
Entrei na Livraria Âncora
Em Vitória

Fui atraído por As Primaveras

Era Casimiro de Abreu
Com seu romantismo adolescente
Quase pueril como eu

Li, reli por vezes
Embriagado em seu romantismo
De amor, morte e saudades

“Oh! Que saudades que tenho
Da aurora de minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!”

Quem foi A***

“Anjo-Tutelar”

A quem dedica seu único livro?

Nunca soube

“Se entre as rosas das minhas ? Primaveras ?

Houver rosas gentis, de espinhos nuas;

Se o futuro atirar-me algumas palmas,

As palmas do cantor ? são todas tuas! ”

Ao ler o livro

Teria A*** sentido ciúmes

De M***

A quem dedicou A Valsa?

“Quem dera

Que sintas

As dores

De amores

Que louco

Senti! Quem dera

Que sintas!...

? Não negues

Não mintas...

? Eu vi!...”

Poetas...

Passei anos morrendo de amores

Com Casimiro de Abreu

Até saber sobre

A Semana de Arte Moderna

De vinte e dois

É triste morrer tão moço

VACINAS & VACINA

VACINAS & VACINA

Chico Lino

(Do Livro Pandemia e Pandemônio e jornais)

O vice-presidente Mourão explica:

O Bolsonaro é um capitão

Profissional que desenvolveu

O lado físico

Não atingiu altos postos

Que o desenvolveria intelectualmente

O proprio Bolsonaro afirmou

"Tenho um histórico de atleta"

O Coronavírus

Não é um ser vivo

É RNA, um mensageiro

Somente opera em organismos vivos

No Brasil

Um virus que não tem vida

Encontra um presidente

Sem intelecto

Que sonhava uma guerra civil

Para matar ao menos

Trinta e seis mil brasileiros

Dessa infeliz união

Chegamos a mais de

Oitenta mil mortos

Todos as pesquisas

Científicas para encontrar

A vacina até agora, foram vãs

Enquanto isso

O jornal alemão, Tagesspiegel,

Estampa sua charge:

"Sabem por quê o Bolsonaro

Deixa cortar a floresta?

Para ter madeira para os caixões."

Contra este, já temos vacina

Mas precisamos de todos

Para a aplicação...

OTARIEDADES & AUTORIDADES

OTARIEDADES & AUTORIDADES

Chico Lino

O que esperar
De um julgamento
Feito por autoridade
Com tamanha boçalidade

Que agride verbalmente
Com sabor
A todos que pretende
Inferior

Acham-se sobrenaturais
Envergonham
Verdadeiras autoridades
Seus pares
Constitucionais

Deve viver num
Imaginário Olimpo
Acima do bem e do mal
Pouco ou nada limpo

Como um certo desembargador
De Santos
Que nos salvem
De outros tantos

Máscara diz usar não
Rasga auto de infração
Do Guarda da Prefeitura
Ameça jogar na cara dura

"Acha-se" por certo
E não sendo
De sua estirpe
O resto é analfabeto

No cinto de segurança
Deve sentar
Semáforos
Deve avançar

O que diria seu pai
Que preservativo
Parece
Não soube usar?

MONOLOGUITO NO CERRADO

MONOLOGUITO NO CERRADO

Chico Lino

FILHO:

- Óia

O prato da mãe

Chei de carne!

(A mãe,

O fuzila com os olhos)

FILHO:

- Óia

Quando o prato da mãe

Tá chei de carne

Ela solta inté faisca do zói!

FIM

CANTIGA DO AMANHECER

CANTIGA DO AMANHECER

Chico Lino

Dorme Rodriguinho
Sonhe pra você crescer
Dorme meu filhinho
Que já vai amanhecer

"Paizinho te ama tanto"
"Mãezinha te ama tanto"
Eles amam tanto
Que nem sabem
Quanto o tanto

Dorme Rodriguinho
Sonhe pra você crescer
Dorme meu filhinho
Que já vai amanhecer

Também fui pequenino
Dormi tão bem assim
Tinha um papaizinho
Que cantava para mim

Dorme Rodriguinho
Sonhe pra voce crescer
Dorme meu filhinho
Que já vai amanhecer

Hoje sou eu quem canto
A cantiga do amanhecer
Guarde bem esta cantiga
E cante para o seu bebê

Dorme Rodriguinho...

Junho/1996

DIETA

DIETA

Chico Lino

Janto

Lua cheia

Durmo

Noite e meia

Bebo

Manhã que clareia

Só

A balança ri

Não rima

"BELÍNDIA" REVISITADA

"BELÍNDIA" REVISITADA

Chico Lino

Interior climatizado ar puro

Blindadas naves

Condomínio seguro

Vejam no "Discovery Channel"

Como construí

O meu futuro

No Brasil, de Norte a Sul

Transformei a morte

Nesse "croma kay" azul

Não tenho conhecimento

Existe nativos na terra?

Morre algum rebento?

Já não ardo mais de insônia

Cuidam disso meus laboratórios

Com o que sobrou da Amazônia

Carroça cheia de papel

"Burro sem rabo", lá vai

Mais um "Jeca Tatu" pro Céu

QUEM TEM MEDO DO DIA MAL

QUEM TEM MEDO DO DIA MAL

Chico Lino

Superstição:

Crença ou noção

Sem base ou razão

Contos de fadas estórias

A imprimir seus caracteres

Em nossas memórias

Quem tem medo do número treze

Tem Triscaidecafobia

Eu nem sabia

A Lei é Áurea

No papel ou nas areias

Buliu na escravidão

Abarrotando as cadeias

Na fé de meninos

Da Cova da Iria

Nossa Senhora de Fátima

Tem o seu dia

Nasce cego, Stivie Wonder

O cantor

Morre Gary Cooper

O ator

Dia trágico no papado

João Paulo II

Sofre em Roma

Um atentado

O dia treze de maio

De 2018, foi extraordinário

Caiu num domingo

Coincidiu o dia das mães

Com o meu aniversário

BIOCÍDIO

BIOCÍDIO

Chico Lino

Defensivos de nós
Estranhos primatas
Somos

Plantamos colhemos
Comemos vendemos
Venenos

Que mutações sofreremos e sofreremos?

Avessos ao sacerdócio
Religiosamente
Aspergimos

Desfolhantes
Pesticidas
Praguicidas

Uma guerra

Sobre matas
Gentes aldeias
Nações indígenas verdadeiras
Donas da terra

Tudo negação ao ócio
O negócio

Atingimos o top
Do tech

Subsistimos fraticidas
Somos agro e tóxicos

Biocidas

PRÓ PUDOR

PRÓ PUDOR

Chico Lino

Quando damos nossa cara à tapa
Passam a mão em nossos fundilhos
Não podemos gritar alto
Com a boca cheia de sucrilhos

Foi como negação
Da existência do salvador
Anchieta convertendo índios
Rebeldes junto ao andor

Parvo Pedro
Imperou pobres no pó

Queremos Sardinha no jantar
Comer fruto da estação
Rios virgens pra banhar
Estar na rede celular à mão

Hu-manos, uní-vos

Não houve amor entre nós
Nem holerite ao final do mês
Se não tiveram princípios
Como tudo se fez?

Crianças, isso é só um fim

BANDEIRAS

BANDEIRAS

Chico Lino

Mãe

Gentil

Sob

Ordem

Desconfiados

Trabalhamos

Intentando

O

Progresso

No

Mais

Riquezas

Naturais

Céus

Estrelas

Sóis

Cores

Mil

Negaremos

Sempre

A

Liberdade

Tardia

Brasil

A PESTE EM MACONDO

A PESTE EM MACONDO

Chico Lino

- A Lauro Antonio Puppín

Vejam ilustres estrangeiros

Em que tornou-se

O país dos brasileiros

Não é fantástico

Concorremos ao Nobel

De pior realidade

Constatam agora

A perspicácia insana

Nunca pareceu lucidez

Anestésica insônia

Queima nossos olhos

A golpes de vista

E quer tudo relegado

Ao esquecimento

Tenham cuidado

Com o que aspiram

Pois um desejo ardente

É materializável

Sonhando acordado

Sobre a folha de papel

Torno em realidade

Tontos sonhos

Proponhamos
A não rotulação
A não convenção

"O que é um nome?"

Esquecer o poste
A viga, a mestra
A dor, o pecado
A pena e a lei
O perdão
A culpa impingida

Vencidos venenos
Se usados
Matam mais
Ou matam menos?

Nada...

Em Macondo
Não há tempo
Nem memória
Só o esquecimento
Nos une

IMPRESSÕES

IMPRESSÕES

Chico Lino

Persistente

Pousa meu olhar além

Das horas líquidas

De Salvador Dali

Picasso, Guernica

Uma Guantânamo

À brasileira

Livre da métrica

Renascido de 1922

Sinto calor das ligas

De Gutenberg derretidas

Na impressão infinita

Como Marie Curie

Sou sensível às radiações

Decalcando humanos nas pedras

De Hiroshima e Nagasaki

Guerra

Humana guerra

Arma branca

Afiada a frio ou a quente

A impressão

Mata muita gente

DESACATO

DESACATO

Chico Lino

Ao final dos anos sessenta
Quando usar roupas vermelhas
Era considerado afronta
Às ideologias vigentes

Fui parado por conhecida dupla de então
"Cosme e Damião",

P.E

Ostentavam seus verdes capacetes

- "De onde cê vem, pra onde cê vai?"

- Senhores,

Esta é uma pergunta
Que desde os primórdios
O ser humano tenta responder
Sou um estudante ainda
Não sei o que dizer

Por pouco

Não fui preso por desacato
À mentalidade

SONECA

SONECA

Chico Lino

Tão confuso esse mundão...

Sites blogs

Redes de intrigas

Televisão

Dá uma vontade

De ficar num canto

Em silêncio

Quietinho

Macaquinho da Sabedoria:

Cego, surdo e mudo

Morrer

Mas só um pouquinho

Como uma soneca

Depois que tudo passar

E isso vai acontecer

Acordar

Mas bem de mansinho

Ouvindo só passarinhos

Depois do amanhecer...

ORA PRO NOBIS

ORA PRO NOBIS

Chico Lino

A Terra gira

Translada a nau

Em aparente calma

Onde infantes brincam de deuses

Rumo ao reino do acaso

Corpos e mais corpos

Feito canas decepadas

Esmagadas em moinhos

De doer gentes

Uma sucuri olha por nós

Cinco vêzes

Os cem anos

De Oscar Niemeyer

Pouca

Terra é sua idade

Meu Brasil

Fantástico, incrível

Como a terra do nunca

Santos Dumont nos dá asas

Povoado por mágicas

Legiões de Peters Panks desunidas

Que insistem em não crescer

Hipnotizada

Uma sucuriú de ferro
Passeia em seu andor

Ao som metalizado
De uma flauta de bambú

MIL NOVECENTOS E SESSENTA E NOVE

MIL NOVECENTOS
E SESSENTA E NOVE

Chico Lino

Sob o sol
A vontade infinita
Que não chega a queimar

Chega a queimar...

Solto feito gota d'água
Na chapa quente do seu desejo
Você é uma boca louca
Beijo

Os cabelos envolvem
Luz do cometa
Na casquinha crocante
Do sorvete natural

Sem voz
A linguagem
É universal

- In Jornal Língua, 4, PUC/RJ, JUL/1986

PIRARUCU BACALHAU

PIRARUCU BACALHAU

Chico Lino

Quando misturamos

Chicletes com bananas

Anulamos nossa radioatividade

No tutti-frutti

Não fez bem

Ao orgulho nativo

Siguimos meditando

Olhando a tela da TV

Fora do ar

Aguardando um sinal

Em ásana yogue

Comamos chambari

Arroz integral

Aipim e feijão azuqui

Fartamo-nos de sol

Confiantes

De que pirarucu bacalhau

Não vai pro brejo

Nunca precisamos de roupas

Só adereços

Continuamos nus

Sem frio ou medo

Bugres que somos

Cobertos somente

Pela razão

PÓ REAL

PÓ REAL

Chico Lino

O parâmetro

É

O

Mundo

Real

Vejo

Tudo

Como

No

Rótulo

Da

Latinha

De

Pó

Royal

Uma

Dentro

Da outra

Para

Cima

Uma

Dentro

Da

Outra

Para

Baixo

Tudo

Profusamente

Igual

FRAGMENTOS

FRAGMENTOS

Chico Lino

Quando a noite
Se prenuncia
O sistema nervoso
Não é simpático

No coração da treva
Não tem aurora
A minha vida
Nem infância querida
Só mofados lodaçais

Os louros
Não são imarcescíveis
Na cabeça que rola

O doente imaginário
Não mente
É doente

D'ALENCAR QUE ME PERDOE

D'ALENCAR QUE ME PERDOE

Chico Lino

D'Alencar que me perdoe
Mas conheço uma menina
Tucan-tin...

Seus cabelos são mais negros
Que as asas da graúna
Tingidas de preto

E muito mais longos
Que noite de insônia
Sem leitura

Seus lábios
Ah, seus lábios
Mais doces que todo um canavial
Moído feito rapadura

Seus olhos
Mais reluzentes que todo o céu e o sol
Concentrados numa gota d'água do mar

Que me perdoe o D'Alencar

MAIOR IDADE

MAIOR IDADE

Chico Lino

Ôba

Vou completar

Vinte e um anos

Terei maior idade

Amanhã poderei usar aquelas calças

Que dona Quinquinhas fez

De pernas compridas

Todos verão

Que tornei-me em homem

Ih

Que chato

Não posso mais brincar

De esconde-esconde

Se não

Vou ter que casar

MODERNO

MODERNO

Chico Lino

Nem fosse a vida pra levar
O amor pra desamar
E todo o futuro pra ser

"Há uma gota de sangue
em cada poema"

- Mário
Seja moderno

O álcool inundou o fígado
Entornou a bÍlis

'Há uma gota de fel
em cada poema'

- In Voo, 1982

IGUARIA

IGUARIA

Chico Lino

Calor insuportável

Fazia em Colatina

Entre a estrada de ferro

E o Rio Doce a transbordar

- Chove muito lá pelas bandas de Minas

- A volante acabou de voltar

Sem encontrar o Joãozinho

Ele fazia igrejinhas de papel

Lâmpadas acendiam dentro

Fazia revólveres de madeira

Com tambor que girava e tudo

Presentes ao caçula do carcereiro

Fugiu da cadeia semana passada

A cerca do quintal coberta por galhos

Lixo trazidos pela cheia

- Aquele galho parece braço de gente

- Aquele galho parece perna de gente

- Aquele coco...

Era o Joãozinho

Vieram os Bombeiros

Lancha vermelha

Tiraram o corpo branco da cerca
Estava cheio de camarões

Soube que no quartel
O almoço foi com a iguaria

Que eu não sabia o que era

A EXCEÇÃO E A REGRA

A EXCEÇÃO E A REGRA

(Peça didática de Bertolt Brecht)

Chico Lino

"A história de uma viagem
feita por um explorador
e dois explorados"

O Comerciante tem pressa
A concessão é de quem chegar primeiro

Os concorrentes estão próximos
Ele manda o Guia bater no Carregador
Para ele andar mais depressa

O Carregador para diminuir a tensão
Sobre o Guia, pede para que ele bata
Mas não demais

O Guia bate no Carregador

Antes da travessia do deserto
Temendo os dois contra ele
O Comerciante demite o Guia

O Guia dá ao Carregador sua garrafa d'água
E pede para deixar escondida do Comerciante

Junto a um rio tumultuoso
O Comerciante com o revólver
Obriga o Carregador a atravessar

Na travessia o Carregador

Quebra um braço

O Comerciante bebe água furtivamente
O Carregador teme que o Comerciante
Morra de sede

E vai ao encontro dele com a garrafa que o
Guia o havia dado

O Comerciante julga ser uma pedra
Com um tiro, mata o Carregador

Ante ao Juiz o Comerciante explica:

- Eu fiz o Carregador trabalhar sem dormir, bati nele, quebrei-lhe o braço;
ele tinha todos os motivos para querer me matar, esta é a regra, como poderia saber
que ele era uma exceção?

"Que o seu inimigo
lhe fosse dar de beber
era uma coisa que
um homem de juízo
não poderia prever"

CORTEJO

CORTEJO

Chico Lino

Em tenra idade
Uma ninfa esvoaçante
Acariciou meu peito febril
Enquanto o sangue ardia

Outra vez
Quando o Rio Doce
Nadava em banho nu
Ouvi sussurros úmidos
Como alguém a me chamar

Não compreendi

Uma fresta na pedreira
No fundo d'água
Impediu que eu fosse encantado

Passado o tempo já adulto
Só, na multidão
Ouvia Jorge Donn dançar
O Bolero de Ravel

Eram comemorações
Dos duzentos anos
Da Revolução Francesa
Na Praia do Flamengo

Tive vontade de ir à sua procura
Descer o Rio de Janeiro

Mas algum santo instinto
Pousou sua mão de pluma
Sobre a minha calma

Sei que me olhas
A todo instante

No trânsito
Quando caminho
Nas faixas de pedestres
Semáforos

Entre frestas nas festas
Onde a música
Cadencia o corpo
E a alegria envolve

Sinto por entre colunas
Seus olhos acompanhando o som
Por trás do reluzente carmim
Das cortinas

Com o tempo
Árvores plantadas
Filhos sobre os próprios pés
Livros editados

Não posso mais ignorar
Um encontro casual
Já marcado

O esquecimento
Invadirá as lembranças
Certamente

Com o peito apertado

Por pinturas de Botticelli
Descerei o Rio Doce Tocantins
Em algum lugar

Toras de jacarandá machetadas
Em peroba, madrepérola
Das escamas dos robalos

Serão líricos desenhos
A adornar a jangada

Cardumes de piabas prateadas
A saltar sobre o cortejo

Diminuirão a intensidade do sol
Que ficou mais abrasivo

Lá vai a nau
Arrastada por camarões
Que eu catava na peneira

Vejo meu pai e minha mãe
Que preparam uma cama macia

Meus irmãos brincam ao redor

Sigo a olhar o nada na imensidão
De tudo que ficou

Fugindo às correntezas
Vou me postar fincado
Em alguma curva do rio
Que secou

EMPREENDEDORISMO

EMPREENDEDORISMO

Chico Lino

Em tempos de Pai e Mãe
Com beijo e carinho
Tudo se aplacava direitinho

Adolesço desenfreado
Ladeira a baixo
Muito além dos sessenta
Por ano...

Montado na filosofia
Em atitude Surrealista
Manifesto um delírio holísta
Um asno é meu irmão

Quando
Encontrares onde
Saberás quando

Mentes carrascas
Cumprem seus deveres

Um lavrador vai à roça
Bem cedo beija sua mulher
Faz carinho nos filhos
Trabalhar a terra
Alimentar sua família

Um pescador
Vai ao mar bem cedo
Pescar e alimentar

Sua família

Um pedreiro

Sai bem cedo

Vai erguer paredes

Abrigar famílias

Alimentar sua família

Um assaltante

Sai à noite

Vai buscar alimentos

Para sua família

Um traficante

Vai vender suas drogas

Para alimentar sua família

O policial

Sai bem cedo

Vai policiar

Para alimentar sua família

O carrasco

Sai de casa bem cedo

Seu trabalho

Executar lavradores

pescadores, pedreiros...

Omissos

Matamos silenciosamente

Sem assumirmos

Que somos tão bons

Carrascos

De todo coração

Melhor ser cabeça

De formiga do que
Rabo de leão

Chá de camomila
Com erva-doce
É bom pra quê?

INCERTAS PALAVRAS

INCERTAS PALAVRAS

Chico Lino

Nossa língua portuguesa

Tão rica, viva

“última flor do Lácio”

Evolutivamente bela

O que fazemos com ela?

Onde foi “dous”, é dois

“Pharmácia, farmácia

Senhora constringida

Sinhá, Siá;

Farinha posta

Em recipiente escrito chá

Temos “charinha”

Algo gostoso

Na fase tatibitate

Torna-se “sigôto”

Vocabulário, “voos cabulares”

Uma rã

Pode ser Inhambu;

Ao menino

De constipado

intestino

O pai zeloso dizia

Em orquestrada cantoria:

“Sai safado, sai safado...”

Assim evacuava
Satisfatoriamente

Na sala de aula
Um aviso à professora:

- Quero fazer safado!

A mestra não atende
Pois não entende o recado

Resultado

A sala de aula
Tornou-se irrespirável

E o garoto
Para sempre
Bulinável

HOMO EFÊMERO

HOMO EFÊMERO

Chico Lino

Animismo...

Ora direis

Falar com animais e plantas

Por certo tendes senso

E eu vos direi no entanto

Houve um tempo

Em que todos os animais

Incluindo os humanos

Comunicavam-se entre si

O Homo Sapiens evoluiu...

Com o uso de máscaras

Na pandemia do Covid-19

Ensaíamos o retorno

Afinal

Acostumar a respiração ao CO2

Nos tornar anaeróbios

Será involução

Ou evolução?

Vísceras à mostra

Exibiremos finalmente

Nosso tão decantado interior

O Mundo arde em fogo
O Brasil arde em fogo
O Tocantins arde
Nessa enorme fogueira
Da ganância

Para o dilúvio mundial da fumaça
Não preparamos uma arca
Nem recolhemos casais de animais

Ateamos fogo em tudo

Se existe salvação
Às avessas
Estamos no Paraíso

FÁBULA CABULOSA

FÁBULA CABULOSA

Chico Lino

Era uma vez

Corvos

Viram porquinhos da índia

Nadarem alegremente num rio

Fingindo amigos

Quiseram nadar com eles

Os porquinhos da índia não aceitaram

Um corvo ateou fogo numa vasilha de aguardente

Ameaçando incendiar as águas do rio

Temerosos do enorme desastre

Os porquinhos da índia

Saíram correndo das águas

Foram devorados pelos corvos

MEMÓRIAS DELETADAS

MEMÓRIAS DELETADAS

Chico Lino

Lembro-me

Sacristão na adolescência

Junto ao confessionário

"Padre, dai-me a vossa bênção

Porque pequei..."

Pecador como eu

Bastava aguardar o Jubileu

Uma policial

Esposa de um conhecido

De vez em quando

Dava-lhe umas vassouradas

O marido justificava:

"Ela sempre se arrepende

E pede perdão..."

Mas voltava a bater

O Papa João Paulo II

Exortou os cristãos

À "purificação da memória"

Perdoar a Igreja

Não houve genuflexão papal

Quanto às milhares de mulheres

E homens levados à fogueira da Inquisição

Pelo "Martelo das Bruxas"

A culpa esfarinhou-se

Na cristandade

Traficantes facínoras

"Escadinha" e "Meio-Quilo"

Converteram-se em evangélicos

Antes da morte

O ex-ator Guilherme de Pádua

Assassino confesso da atriz

Filha da novelista da Rede Globo

Tornou-se pastor da Igreja Batista

Como a novelista

Declarou apoio a Bolsonaro

Vive a consciência tranquila

De pregador do reino dos céus

Em dois mil e quatorze

Em Guarujá-SP

Uma mulher de trinta e três anos

Inocente

Foi linchada e morreu no hospital

Traumatismo craniano

Foi acusada nas redes "sociais"

De sequestro de crianças

Com intuito de bruxaria

O atual Rei da Bélgica

Pede desculpas ao Congo

Por "feridas do período colonial"

Quem atará pés e braços
Deceitados das crianças congolezas
Por seus pais não baterem a meta
Estipulada de látex

Ou por não matarem elefantes
Para levar bastante marfim
À corte belga?

Depois de apagarmos o futuro
No descaso com as nossas crianças

Exterminarmos a última nação indígena

Marginalizarmos criteriosa
E crimosamente
Em continuada negação a inclusão afrodescendente

Do que adiantará a tardia
"purificação da memória"

A revista Veja publicou:
"Após cinco anos
Justiça reconhece a legalidade
das palestras de Lula"

Que memória
Que estória, cara pálida...

VIA

Â» VIA

Chico Lino

Hoje

Vendo um fusquinha

À minha frente

Não tenho dúvidas

O passado

Anda presente

ESTRANHO

ESTRANHO

Chico Lino

Acordei?

Hoje?

Estranho

Em um lugar

estranho

Ao lado de uma mulher

estranha

Temos filhos

estranhos

Não estranhei

.....

Não deveríamos

Achar estranho

O ser humano

Sempre fomos

Estranhos seres

Nossa evolução

À partir de bactérias

Nossa deriva

Até tornarmo-nos

Humanos?

Tudo é muito estranho
Ou para quem quer variar

Um Deus
A criar tudo em sete dias

É estranhíssimo...

Vivemos em uma bola
Que gira em um
Estranho espaço
A 1.656 km/h.

E orbita o Sol a aproximadamente
108 mil km/h.

Temos a companhia
De outra bola
A iluminar a noite
Alterando estranhamente
As marés

Nunca soubemos de onde viemos
Nem para onde vamos
Ou a que nos destinamos

Por mais que questionemos
Nenhuma estranha resposta

Vivemos de inventar razões
Para continuarmos vivendo
De alguma forma

O que signifique a palavra

vida

Que inventamos

Ouvimos músicas

Sorrimos num mundo

De mentiras

A despeito de atos

Fatos, mortes cruéis

Por sabermos que é assim

Que nada mudará

Que não temos nada

Que não seja a nós mesmos

Por não sabermos viver

De outra forma

Que não seja

Dessa forma

Estranho...

ADEGA DE SONHOS

ADEGA DE SONHOS

Chico Lino

Para Cecília Consentino

Meus sonhos

Onde deixei

Os irrealizados?

Engarrafei todos

Os dispus na adega

Da memória

Inadvertido

Não foram bem lacrados

Os vasilhames

Hoje, claudicante

Desço os degraus empoeirados

Da adega de sonhos

Que antes

Tão perfumados

Adormeceram

Como vinho

Mal envasado

Tornaram-se em vinagre

Que vou usando

Na salada mista

Que é a vida

VACINAR & PROTEGER

VACINAR & PROTEGER

Chico Lino

Perguntei sobre os efeitos
Colaterais da vacina anti-gripal
Nos idosos

A enfermeira afirmou:
Gripe

Ri

Lembrando da história

Que um motorista
de ambulância
Me contou

Era uma vez...

Quando da campanha
Do Zé Gotinha
No sertão tocantinense

Ele ajudava os profissionais de saúde
No retorno a sua base mais cedo

Escolhia o careado
dentinho
Pingava a gotinha
geladíssima

Que ele contava com graça

Sobre as carinhas de dor
Que a criança
Protegida fazia

"Vai ser malvado assim
Na China"

EU, CIBORGUE

EU, CIBORGUE

Chico Lino

Tive infância

Sem televisores

Vídeo-games ou brinquedos

Da Estrêla

Inventava carrinhos

De carretéis de linha

De costura

Uma lata de leite em pó vazia

Puxada por cordão

Inundava de alegria

Levava longe a imaginação

Ouvia "O Direito de Nascer"

Em um rádio PHILIPS

Achei que fosse

o gaúcho Teixerinha

Em pessoa quem cantava

"Coração de Luto"

Dentro de uma Kombi

No escaldante calor Colatinense

Quando menino

Antes de ouvir falar no sul-africano

Cristian Barnard

Criei esquete:

Um homem acordava
Colocava um coração
(era um cofre de moedas em estilizado coração)
No peito

Depois a peruca
A dentadura
As pernas
O braço
Os olhos
Os óculos

Saia para "ganhar a vida"

Sinto-me um inventor
De coisas inventadas

Pensei em óculos limpadores
De gotas de chuva

Tempos depois
Uma revista exibia um
Só que para neve

Grandes verdades
Certezas pétreas
Os Ismos
Esboroam-se no ar

Um leão
De dente implantado
Volta a caçar

A manipulação genética
Cria ninhadas de ratas
A partir de células tronco
De duas ratinhas

O macho
Torna-se obsoleto

Chips fazem cego enxergar
Tetraplégico passeia

Somos todos obsoletos

Há um Manifesto Ciborgue
Existe uma Filosofia Ciborgue
Cogita-se um Futuro Pós-humano
E A Morte da Morte

Randômico
É muito mais que adjetivo

CHEIRO DO BRASIL

CHEIRO DO BRASIL

Chico Lino

Avesso a queimadas
Empunhando enxada e ansinho
Declarei guerra ao imperialismo
Das ervas daninhas
No quintal

Capinei cuidadosamente
Limpei o chão
Exercitei, cansei o corpo
Senti sol e sal no rosto

Depois de tudo compostado
Olhei na terra vermelha
Suaves sulcos deixados pelo rastelo
E bolhas nas mãos

Senti um cheiro do Brasil...

FRASES FEITAS

FRASES FEITAS

Chico Lino

Juro

Piamente

Sobre

Os juros

Lucro

Incessante

Num mundo

Cessante

À mesa redonda

Não tem lados

Só jogadores

Não intentamos

Matar a Terra

Apenas

Nada fazemos

Por sua sobrevida

In - Sentimentos do Rio Doce, 2016

CHÔ, BICHO, TÁ DOIDO, SÔ!

CHÔ BICHO, TÁ DOIDO, SÔ!

Chico lino

É impossível, querer, sem querer

Gostar de alguém com + de 30

Se amas depois dos 20

Então eu fico a pensar

Já que a pensar

eu fico

A conversar comigo

Dentro da cabeça

só

Olho a lua que tá mais longe

Através da fumaça do ar

Mas eu nem ligo

Cheirar tudo isso

Posto que

Meus olhos de justiça

Foram feitos cegos

Pelas ruas da minha cabeça

Que um elefante cósmico sustenta

No dia em que ele deixar o mundo cair

Acaba começando tudo de novo

Pra cair novamente

Daí começar tudo

Com o mesmo espírito

Já que na natureza

Nada se perde
Ou quem tem razão?

Existem tantas verdades...

Eu existindo, sou
Uma verdade
De toda essa mentira

Também daí eu ser complicado
Ser tudo a mesma essência
Divina:

Pai, Filho e o terceiro, grande mistério
Que é o Espírito Santo

Mãe, não esquecerei
Que me puseste no mundo
Sem fundo
Naufragarei na existência terrestre

Pai, que coisa feia
Feio é o que você acha

Pra outros é a mais bela
Coisa da vida. E, é, que
Toda mulher quer em mim, Pai
E eu nelas, mãe...

Marlon Brando,
manteiga,
família
Eis nossa essência

Chô, bicho, tá doido, sô!

- In Poético ou Patético, 1980

O MOLEQUINHO CANTOR

O MOLEQUINHO CANTOR

Chico Lino

O ar estava úmido naquela manhã
Chovera muito pela madrugada

Viajavam poucas pessoas
De pé naquele ônibus
Que sacolejava o sono de todos

De súbito

Numa parada
Na Rua Real Grandeza

A porta dianteira aberta

Surge um garotinho negro
Bem neguinho para clarear
Aquela plúmbea manhã

Com seus cinco, seis anos
Metidinho num conjunto
Azul marinho, listras brancas

O neguinho discursou
Qualquer coisa sobre o desemprego dos pais
E a necessidade de alimentar
Os irmãos menores

Sorrindo, dentes brilhantes
E os olhos muito vivos

Em tom de aviso, disse
Que se nos cotizássemos
Com cinco "barões" pro café
Cantaria uma música
Para que todos
Chegássemos felizes
Como ele no trabalho

IMUNDOS

IMUNDOS

Chico Lino

Todos os sinais aí estão

Nossa função

É decodificá-los

As imagens de uma tartaruga adulta

Que pequenina ficou presa

Num lacre de malote

Lembra uma amпуlheta

Tempos...

Em que ingerimos

Um cartão de crédito por semana

Entre embutidos, garrafinhas d'água

Cafezinhos, canudinhos

Microplásticos

Segundo projeções da ONU

Teremos nos oceanos

Mais plásticos que peixes

Toneladas de lixo espacial

Feito bombas

São iminentes

Sobre nossas cabeças

Preocupamos mais

Com os nossos penteados

Quando acordamos
E mexemos arquivos
Do tempo que éramos "gatinhos"
Revolvemos areias do passado
O mundo pode não cheirar bem

"Da idade da pedra
Ao homem de plástico
O show da vida

É fantástico"?

MOSCAS VOLANTES

MOSCAS VOLANTES

Chico Lino

Numa rua em "T"

Contrariando conselhos oftalmológicos

Atento às moscas volantes

Pueris medos

Caducos, quedos?

Cutuco desvairados

Demônios criados

Blasfemos deuses inventados

Excomungo mitos ilógicos

Vou impávido ao sacrifício

Tempos de fáceis imposturas

Propício a canalhas, embusteiros

Do que sou capaz

Sem rodeios

Tudo

Se de amor ou ódio

Dependerá de quem

Caminho pelo "T"

Uma luz surge sobre a Serra do Carmo

É o "sol para cada um"

Amanhece o Tocantins

In - Sentimentos do Rio Doce, 2016, o título era SERIFA, mudei.

MIRACEMA, CORAÇÃO DO NORTE

MIRACEMA, CORAÇÃO DO NORTE

Chico Lino

Ê, Miracema

Coração do Norte

Espremida pela Br-153

E o Rio Tocantins

A menina se enfeitou

Ê, Miracema,

Coração do Norte

Miracema foi capital

Quem se lembra

Narizinho empinado

Sapatinho de salto alto

Toc, toc, Tocantins

Fez caras e bocas

Pra dotô

Ê, Miracema

Coração do Norte

Governador vem

Governador vai

E a menina

Nem sentiu prazer

De prima dona

Ê, Miracema

Coração do Norte

Prenhe de construções

Inacabadas, menina

Abandonada e mãe

Ê, Miracema

Coração do Norte

In- Sentimentos do Rio Doce, 2016

TODO PODEROSO

TODO PODEROSO

Chico Lino

"O limite da atrocidade humana é a imaginação"

"Gente de bem"

Vive entre igual

Pensa a rigor

No calor extremo

Não sente

Seu cheiro típico

Todo poderoso

Abre o cofre forte

Abarrotado de dinheiros

De onde exala o cheiro

Adocicado de sangue

Como pio ante manjedoura

Ajoelha-se

Umedece com a língua

Os carnudos lábios

Nada pede

Nem agradece

Não pensa em ninguém

"Purifica a memória"

O sol irá raiar
Tranquilo dorme

QUANDO SOBRAM PEDRAS

QUANDO SOBRAM PEDRAS

Chico Lino

No caminho

Topei numa pedra

Que doeu à beça

Não chorei

Nem praguejei

Só

Na atual conjuntura

Pensei

Menos essa

CENTRAL DO BRASIL

CENTRAL DO BRASIL

Chico Lino

"Olha o Frêudi

Olha o Frêudi

Olha o Frêudi

Muitas sacanagens"

Pregoava o vendedor de livros

Num trem da Central do Brasil

DAMNATIO MEMORIAE

DAMNATIO MEMORIAE

Chico Lino

(Morte Absoluta
de Manuel Bandeira)

Condenação da memória

Pena da Roma Antiga

Aplicada a traidores

Hostis à pátria

De quem o nome era retirado

Dos documentos e monumentos

Destruídas

Todas as imagens

Desse condenado

Remetiam

Sua memória

Ao esquecimento

Da história

O que não aconteceu pois lembramos

Deveria haver alguma forma de matar

Matar a memória

Completamente

Matar sem deixar quaisquer

Vestígios de lembrança

Dos crimes perpetrados

Da podridão de infelizes dias

Banhados nas lágrimas
Nascidas menos da dor
Do que da crueza do trato ao povo

Matar
Sem deixar porventura uma memória errante
A caminho do inferno

Mas que inferno satisfaria
A ideia desse inferno?

Matar sem deixar uma palavra
Uma foto, som da voz, uma sombra
Em nenhuma rede social
Suas vontades excretadas
Em nenhum registro oficial

Matar tão completamente
Que em dia algum
Ninguém teria motivos
De perguntar: "Quem foi?..."

Quando a realidade em sua crueza
Asfixia a poesia

Matar mais completamente ainda
Sem deixar sequer este inútil poema

CÓDIGOS & BARRAS

CÓDIGOS & BARRAS

Chico Lino

Assim como acima

É abaixo

Vivemos entre o céu

E o inferno

Chuvas de peixe

Chuvas de sangue

Raios globulares

Eventos incompreensíveis

O caçador de marajá

Era o marajá

O alienista

Era o alienado

Todos estamos acima

De qualquer suspeita

Até que provem o contrário

O grande dilema

É o da carne

Entre as duas fatias do pão

Qual droga irá nos matar

Mais rápido, irmão?

"Com todo o respeito

E seu terno bem talhado

Sua excelência é um escroque"

O tempo não pára
E nós não paramos
Para ter tempo

O código de barras
Saltou das alturas
E jaz no chão
Do estacionamento
Como um QR Code

RETORNO ETERNO

RETORNO ETERNO

Chico Lino

Artigo científico

Baseado na física quântica

Valida a reencarnação

Aspirações imperialistas

Na atualidade, são incontestes

Não aprecio a expressão

"Complexo de vira-latas"

Vendo a Operação Lava-jato

Como a Inquisição

Dar seus últimos suspiros

Cairia bem a Sergio Moro

O papel de Torquemada

Os delatores são

Todos Silvério dos Reis

Tiradentes foi enforcado

Pela Independência do Brasil

Da Moderna

Voltamos todos

À Idade Média

Se o artigo procede

Fica a pergunta

Historicamente

Quem sou eu

Quem é você

Em tempos tão obtusos?

PARLENDAS & PALMITOS

PARLENDAS & PALMITOS

Chico Lino

Palmas

Palmeiras

Palmitos

Pupunha

Pupunhais

Gambitos

Matas

Juçaras

Açaí

Araras...

Cavalinho de vassoura

"Marcha soldado

Cabeça de pastel

Quem não come direito

Não levanta troféu"

Dobradura

Cabeça, jornal

Pés descalços

Poeira, quintal

"Um, dois

Feijão com arroz

Bão balalão

Capitão de feijão"

Lá vai soldadinho
Brandindo a espada
Da imaginação

"Em cima daquele morro
Passa boi, passa boiada

Passa tempo, namorada"

Tortas parlendas
Soltas no ar
Seu futuro é só trabalhar

"A lua vem saindo
Redonda como o tamanco

Vou lá buscar pra calçar"

SONHOS DE PADARIA

SONHOS DE PADARIA

Chico Lino

Dum Dum

Bala balão

Não é brinquedo

O som do coração

O coração não é esquerdo

O coração não é direito

O coração só precisa

Bater dentro do peito

Coração não se prende

Coração não tem lado

Coração não se entende

Coração nasce alado

Meu coração

Lá no fundo

Inquieto vagabundo

Só quer pulsar o mundo

Os sonhos sonhados de dia

Jamais sonhamos encontrá-los

Expostos na padaria

Dum Dum

Bala balão

Não é brinquedo

O que bate um coração

NO AR

NO AR

Chico Lino

Flutuamos num cosmos
De matéria e energia
Ordenado em leis
E regularidades

Os sinais estão aí
Cabe a cada um de nós
Fazer a leitura

Está tudo no ar

Somos seres partidos
Binários de nascença

O lado esquerdo da nossa cabeça
Comanda o lado direito do corpo

O lado direito da nossa cabeça
Comanda o lado esquerdo do corpo

Mulher e homem
Yin e yang
Esquerdo e direito

Forças antagônicas
Em desequilíbrio

Cabe a nós equilibrar

Maxwell equacionou

Marconi materializou

Ondas eletromagnéticas

Se propagam no vácuo

À velocidade da luz

Shakespeare já dizia

Há mais coisas no ar

Além da vã filosofia

Ligue seu decodificador

Há mais coisas no ar

Além da Covid-19

De ódio, amor ou dor

Faça um verso

Sinta o medo querendo se impor

Nas vibrações do universo

O amor está no ar

Você está sintonizado

Ou anda inconstante

O dial a lhe guiar?

Seu receptor está desligado

Você não ouve nenhum sininho

nem sente nada ao seu redor?

Ligue seu vermelhinho radinho

Há uma muita coisa no ar

NÃO É PARÔNIMO PODERIA SER METONÍMIA

NÃO É PARÔNIMO
PODERIA SER METONÍMIA
Chico Lino

(A Hélio Rodrigues Valim
Professor e Poeta)

Nação

Agrupamento político
Território com limites definidos
Cujos membros respeitam instituições compartilhadas:
Leis, constituição, governo

Território ocupado
Por esse agrupamento
País

Noção

Conhecimento imediato
Intuitivo, de algo
Ideia, consciência
Noção de cidadania
Conhecimento elementar
Ou superficial acerca de algo

Nação e Noção

O que somos
O que deixamos de ter

Ah... quão útil é um dicionário...

MÁSCARA OCA

MÁSCARA OCA

Chico Lino

Comentava com um amigo
Que há muito não via

Há sombras na noite
Há sombras no dia

Como na Caverna de Platão
Nossas vidas podem não passar
De uma grotesca pareidolia

Retalhos de colchas

Cobrem braços

E

Coxas de plásticas bonecas
Soltas a esmo nas ruas

Que descobrem
Retalhadores cruéis de corpos

Em quartos
De esquizofrênicos
Esquartejadores dementes

O teatro tem
Como símbolo
Duas máscaras

Uma chora
Dramaticamente
Enquanto outra

Sorri alegremente

Depois de tanta
Negação do óbvio

Com qual delas
Seguiremos em frente?

Há sombras na noite
Há sombras no dia

Nossas vidas podem não passar
De uma grotesca pareidolia

GENÉRICO WALKMAN

GENÉRICO WALKMAN

Chico Lino

Sob sol causticante
Um índio da nação Xerente
Usando rotas chuteiras de futebol
Claudica no asfalto

Um gari empunha vassoura
Tem um radinho de pilha preso
Por borracha de câmara de ar de bicicleta
Em cada orelha. Varre cantando

Seu genérico walkman

Cada qual indiferente assovia
Conta a própria realidade
Com ou sem o auxílio da Filosofia

Se é infeliz
Por não se saber
Em que consiste a felicidade

Alheia aos mortais poetas
No luto da noite
A lua traça no céu
Seu luminoso poema

Ouve-se longe no ar
Um som de batuque
Um batuque de matar

MUITO MAIS QUE NÓS

MUITO MAIS QUE NÓS

Chico Lino

Mário de Andrade

Levo a sério

A par de que somos cada

No mínimo trezentos e sessenta

Um mistério

Não que tenhamos tanta cara

Mas de acordo com cada doutor

A palavra certa

Não nos é coisa rara

Vamos à monta

Veja até onde os números

Dão conta:

Um trezentos e sessenta

Casa e vai viver

Com outro trezentos e sessenta

Ainda não está completo

Mas são setecentos e vinte

Sobre o mesmo teto

Quantas concessões

Quanto dizer que ama

Um verdadeiro bacanal

Ninguém se engana

E pensar que os casais

Tinham de doze

A vinte e tantos filhos

Ou mais

Saio dos trilhos

Paro. Não conto

Quem prosseguir

Fica tonto...

TRIUNVIRATO DO AR

TRIUNVIRATO DO AR

Chico Lino

Sem patentes

Ou a quem comandar

Formamos um

Triunvirato do ar

.

Da pena firme

Do traço e da lito

Em Jucutuquara

Éramos do Traçolito

Fomos os da frente

Sem sermos donos de nada

Comandantes do ar

Fomos bons, camarada

Ivan Alves Vieira Filho

Jayme Almeida Júnior

E eu

A Rede está vazada

Tento fazer contato

Não somos donos de nada

Sem resposta de ninguém

Continuo enviando mensagens

Via zap pro além

Quero reunir de novo

O triunvirato beleza

Ivanzinho e Jayminho

Não respondem

De uma forma

Que eu possa entender

Que tristeza

PRECE

PRECE

Chico Lino

(A Kurt Schneider, médico, psiquiatra e filósofo alemão, pioneiro na classificação dos tipos de psicopatas).

Camisa de força

Livrai-nos do homen

De temperamento sanguíneo

Falso, fraudador e transgressor

Do homem de mau humor

Depressivo, paranóico

E insensível

Do anancástico

Pois transforma sua insegurança

Em obsessão

Tornando-se muito rígido e inflexível

Do lábel

Do explosivo

E seu humor violento

Do vaidoso e fanfarrão

A procura de reconhecimento

Pois precisa parecer mais do que é

Do explosivo

Pois tem humor violento

Que se desencadeia por motivos insignificantes

Do desalmado
Sem compaixão
Vergonha ou culpa

Seu traço característico
Consciência pouco desenvolvida
Tende a ser taciturno
Frio e antisocial

Comete todo o tipo de crime
É contraventor
Pode ser brutal

Do abúlico
Extremamente influente
Permeável a todos os tipos de estímulos

Afável mas inconstante
Muito associada ao furto
Peculato, fraude e prostituição

Este pode cometer crime
Apenas devido à pressão do grupo
Ou do ambiente

Do asténico
Corporal e psíquico

O primeiro é focado no corpo
O segundo na mente
Em ambos os casos
Há um sentimento de estranheza
Diante de si próprio

Sofre imaginariamente
Devido à sua hipervigilância

Geralmente frequente em hospitais

Camisa de força

Só você nos liberta

Socialmente

Economicamente

Filosoficamente

Mentalmente

Nacionalmente

SAGA

SAGA

Chico Lino

Eu não serei povo
De qualquer outro país

Eu não sou de outra nação
Se não a brasileira

Eu não serei alemão
Como os pais dos pais
Da mãe de minha mãe

Tão pouco serei italiano
Como os pais do pai
De minha mãe

Não serei africano
Como os pais
Do pai de meu pai

Nem serei português
Lino ou Pinto

Serei sempre o estupro
Condescendido

Fruto do desfrute
Da miscigenação

No ventre da índia bugre
Apanhada a laço
Em verdes matas

Por um escravo liberto
Pai do pai de meu pai
No incontinente Brasil

RECLAME

RECLAME

Chico Lino

(Ao Geógrafo, Maestro e amigo Fernando Teixeira

Em memória)

Quando enterramos nossos

Mortos sem esperança

De germinação

Não fazemos ideia de onde

Ou quando

Ou se o futuro nos trará flores

Aí meu coração se aperta

Vem caudalosa à tona

A soma de todos os medos

Cheia do Rio Doce

Infância

Insegurança

Números

Inúmeros

Projeções agressivas

Para sempre imperdoáveis

Números

Quando a vida se nos apresenta

Cada vez mais morte

Sentimos tontos

Sentimentos

Tantos

Estamos

Somos próximos

Contingentes

Gente

"Precisamos de sangue

Qualquer tipo!"

É o reclame do Hemocentro

Brasileiro

ACORDO

ACORDO

Chico Lino

Parece filme que já passou
Na glória do cine América
Da Glória

Todos aguardam
Um beijo ao final
Infeliz

As palavras combinadas
Foram todas ditas

Frases feitas
Noutro contexto
Outro tom
Têm diversos sentidos

Morro à noite
Renasço amanhã
Todos os dias

Nesse íterim
Vou do céu ao inferno
E do inferno ao céu

As vezes acordo suando
Pesadelo
À beira de vulcão

Noutras
Doce celestial

Na boca azeda

"É, futebol é assim mesmo..."

Sete a um

Não passa na goela

Amarguemos

CALEIDOSCÓPIO

CALEIDOSCÓPIO

Chico Lino

Constante na inconstância

A constância

Causar-me-ia ânsia

Solidifico

Se a poesia não extravasa

Liquefaço

Quando a poesia me arrasa

Sou gasoso

É a poesia minha brasa

Constante na inconstância...

“VAZIO”

VAZIO

Chico Lino

De generosa crueldade

A atualidade é plena

Poesia alivia a pena

Com a morte

Ninguém se conforma

Tudo que transcende

Nos transtorna

Quando deveriam promover os negros implodiram Palmares;

Quando deveriam apoiar povos indígenas deixaram aos azares;

Quando deveriam promover a saúde

Se quer saldaram;

Uma palavra ressoa

Nessa noite de estio

"Vazio"

O estropício

Não é esfinge

Quem não o decifra

finge

TREM

TREM

Chico Lino

N
o
s
s
o
C
a
s
o
F
o
i
C
o
m
o
E
s
t
a
r
N
a
C
e
n
t
r
a
l

E
P
e
r
d
e
r
O
Ú
l
t
i
m
o
T
r
e
m
P
a
r
a
J
a
p
e
r
i

HORA PREFERENCIAL

HORA PREFERENCIAL

Chico Lino

A Walkyria Puppin
(Mestra em Letras
Português e francês)

É dia mas é breu
Quem não dormiu à noite
Sabe o que aconteceu

A noite adormecida
Despertou em sua loucura

Turva tudo que ilumina

Como serpente eclodida
Seguirá sua expansão
Rasteira
Sinuosa
peçonhenta
particular
mesquinha
tacanha

É hora dos "Preferenciais"
Da consciência experimentada
Munidos de flautas
Soprem canções

Inversas as do faquir
E fazer a cobra sumir

É dia mas é breu
Quem não dormiu à noite
Sabe o que aconteceu

Redivivo
"O Incrível Exército de Brancaleone"

ANIVERSÁRIO

ANIVERSÁRIO

Chico Lino

Hoje

Dia treze de maio

Faço sessenta e sete anos

Seis mais sete

Treze

Sabe o que significa?

Que a Matemática é exata

E que o tempo não pára...

GOZA, GROSA

GOZA, GROSA

Chico Lino

A vida

É uma grosa...

Gozação?

Relações pueris

Ou

Internacionais

Relações amistosas

Ou

Sexuais

Conjugais

Filiais

Relações

Ralações

Fricções

Desgastes

Podias, polias

Esferas, rolimãs

Serem eternas

Passamos a vida nos grosando

Até que tudo

Torne pó

Tudo que dá brilho corrói

Não tem graça

Uma vida

Sem graxa

FABULINHA

FABULINHA

Chico Lino

Crianças adoram brincar

Em caixas de areia

Sob olhares responsáveis

Sem medo

Usam baldinhos

Constroem castelinhos

Riscam imaginários caminhos

Com seus ancinhos

De brinquedo

O parque é bucólica

A cena é normal

A vida é real

Um garotinho "fortinho"

Com uma pazinha

Põe-se a juntar a areia

Aos pouquinhos

Para o seu cantinho

No nício os outros meninos

Não notaram

A areia mudando de lugar

Aos pouquinhos

Os menininhos

Sorriam ao "fortinho"

Que acumulava areia sozinho

O menininho "fortinho"

Acumulou tanta areia

Em seu cantinho

Que a brincadeira

Para os outros menininhos

Acabou cedinho

Sob olhares responsáveis

Sem medo...

ANÁLISE: MÁTRIA PÁTRIA

ANÁLISE:

MÁTRIA PÁTRIA

Chico Lino

Às vêzes mergulhamos fundo

E o que buscamos

Encontra-se na flor d'água

Sou a porta

A estaiada ponte

Donde os desencantados

Vêm se atirar

Sou a porta

De entrada

E da saída

Passam por mim

As mesmas lágrimas

Que evaporam, chovem

E parecem outras

Depois que enxuguei

As águas do Rio Doce

Que corriam em meus olhos

Compreendi meus pais

Guardo-os respeitoso

Num jarro pulsante

Meu coração

Após cremá-los num divã

Curvo meus pilares
A fortes correntezas

Vou aos registros akáshicos
Donde fluem um zinabre abissau
Sem significado

Sinto a lâmina de Guilhotin
Grosar meu pescoço
E ferir minha alma

Cofio minha barba rala

Mais quinhentos anos
Encontrarei as pontas do novelo
Terei alta

Conquistarei as chaves de casa?

Freud, o mundo
Somos todos
Raimundo

LÁZARO

LÁZARO

Chico Lino

Passam-se os anos

Novas armas

Outras tecnologias

Mas para extrair dentes

Nada como o boticão

Ao Estado enfraquecido

Uma praça pública

E um corpo

Para expiação

MILAGRES, PESADELOS & LUZ

MILAGRES

PESADELOS & LUZ

Chico Lino

Minha mãe

Que era do apostolado

Contou-me certa vez

Que em sonho

Duvidara da existência de Deus

Nisso apareceu um anjo

Empunhando um martelo

E uma lâmpada

Que ele deu com o martelo

Sobre essa lâmpada

Que atravessou uma espessa chapa de ferro

Para humanos

Que viemos de cavernas escuras

Só conhecíamos a luz solar

As faíscas dos raios

acompanhados de trovões

Através da fricção de madeiras e pedras

Produzimos o fogo

As lâmpadas acenderem é milagre

A perfurar os lingotes de ferro

Dos nossos bolsos

E as contas de energia

Na "bandeira vermelha dois"
Um recorrente pesadelo
No dia a dia de todos nós

ECLÉTICA ECLIPSE

ECLÉTICA ECLIPSE

Chico Lino

A lua não mostra seu lado escuro
Em que consiste sua face

Eu que vago no mundo de mortos
Que não desviei minha cara da porrada
Sinto o gosto do sangue na boca

Quando lidamos com a escuridão
Nos tornamos um tanto sombrios

E seria preferível o silêncio

Há dias em que acordamos como quem matou dez
E conteve sede do sangue de vinte

Passe noite

Quero sentir que ainda há a vida
Na cristalina gota de orvalho
Rolando na folha de taioba
Nas manhãs
De todos os quintais

Ó, "DIO"

Ó, "DIO"

Chico Lino

Se a velhice é o deserto do corpo
O sertão não vira mar
Severina chegou a seca em mim

Santa e diversificada
Por escotomas mentais
(Pontos psicológicos) cegos
É a ignorância

Do céu, só vemos inferno
Do inferno, só vemos céu

Boca de jiló
Quer mel

No tremular das luzes
De velas de cera de abelha
No primeiro milênio cristão
Quase todos os papas
Foram santificados

A energia é atômica, solar

Que espécie de adicção
Nos prende a essa
Servidão voluntária
Que nos faz oferecer o pescoço
Ao verdugo

Mesmo sem espelho

O mundo é doente

Políticos

Prometem mais leitos hospitalares

Locais onde morrer

Sem comprometimento

Sem mostrar o caminho da horta

Prometem segurança

Sabendo que a rede

Não nos ampara

No globo de morte

Comemos o cão

Antes de aprender caçar

Com gatos

E só tem ratos

Einstein,

A Quarta Guerra Mundial

Não será a pau e pedra

A Terceira

É autofágica

Óh, "Dio mio"

SETE & MENTIRAS

SETE & MENTIRAS

Chico Lino

Para Pitágoras

O sete era místico

O sete era mágico

O sete era sagrado

Indicaria a passagem

Do conhecido

Para o desconhecido

Se o Brasil quebrou o espelho

Teremos sete anos de atraso

Querem fazer dessa data

Um bicho de sete cabeças

Pintemos e bordemos o sete

Nesse sete de setembro

Se vivermos sete anos de vacas gordas

Viveremos sete anos de vacas magras?

De sete em sete anos

São "recauchutadas"

Todas as células do nosso corpo

Vamos enterrar a sete palmos

E guardar a sete chaves

Tais pensamentos

Descansar no sétimo dia

Dos sete pecados capitais
Verdadeiros sete sacramentos

Sete são as maravilhas
do mundo antigo
As sete notas musicais
Seu Sete da Lira

Saudemos as sete cores do arco-íris
Os sete sábios da Grécia Antiga
Nos sete dias da semana

Branca de Neve e os sete anões
Desfilam na Disney?

As sete vidas do gato
As sete virtudes
(três teologais e quatro cardeais)
Perdoar setenta vezes sete?

Sete pragas do Egito

Sete é conto de mentiroso
Sete é o carneiro
No jogo do bicho do Barão do Rio
Branco

Parece que comemos os sete pães
Durante os sete sacramentos
Antes da multiplicação de Cristo

São sete os pecados capitais
Sete os cardeais que formam o colégio pontifício da Igreja Católica

A Igreja também estabeleceu que a idade da inocência é até os sete anos
Freud explica sete vezes?

Na antiguidade

As famosas sete colinas de Roma

As sete maravilhas do mundo

Retratadas pela sétima arte

Não sou o sétimo filho

Após seis mulheres

Não viro lobisomem

Nem almejo o sétimo céu

JUÍZO FINAL

JUÍZO FINAL

Chico Lino

Cobras

Ratos

Lagartos

Jacarés

Elefantes

Leões

Leopardos

Javalis

Pequizeiros

Perobas

Jacarandás

Ipês

Sempre-vivas

Rosas

Marias-sem-vergonha

Toda a fauna

Toda a flora

Mundo Quântico

E Relativo

Eu sou o Homem

Tendes em mim

Alguém em quem jamais confiar

FÉ DE MAIS

FÉ DE MAIS

Chico Lino

Final dos anos oitenta

Rio de Janeiro

Baixo Gávea

Povoado por pós-beats, beatniks

E outras hordas

Madrugada

Surge no Bar Hipódromo

Solene, um homem

Vendendo terços

Quadros de Cristo e demais santos

Não ouvi o que foi dito ao pretenso

restaurador de almas noturnas

Que o fez irromper

Tamanha e gutural

Saraivada de impropérios

De enrubescer a manhã

QUE / BRADO

QUE / BRADO

Chico Lino

Lembra?

Na passagem de velórios

Cerrávamos as portas de casas, comércios

Homens tiravam os chapéus

Mulheres faziam o sinal da cruz

Que tempos...

No corpo, na mente

Trazemos indeléveis cicatrizes

Juntas

Retratam nossas vidas

Martírios

Como no corpo

Que enrijecemos músculos

E nos protegemos de fortes pancadas

Assim acontece com a psiquê

Quem não vê?

Os números da pandemia

No Brasil, não deixam dúvidas

Foi quebrado o tabu da morte

Que sorte...

VAGA A MEMÓRIA

VAGA A MEMÓRIA

Chico Lino

(A todos com familiar que sofre do mal de Alzheimer)

Futuro vendado

Por impreciso passado

No presente excruciante

Sempre você

Negro buraco a sugar o que resta

Da réstia de memória

Miopia do tempo

Coisas tristes, dolorosas

Não lembro

Foram sugadas na abissal

Protetora escuridão

Sempre o medo presente

O pavor

Visita indesejada

Ponho a vassoura invertida

Por trás da porta do pensamento

Mas ela não vai embora

Hoje vieram me visitar:

- Qual é o seu nome?

- Mamãe...

- Onde você mora, quando posso ir pra casa?

- Essa é sua casa há anos...

- E as minhas crianças?
- Sua benção, mamãe...
Amanhã eu volto...

ASSALTO

ASSALTO

Chico Lino

Depois de galopar
Veloz na poeira do asfalto
Sobre sua motocicleta

Olhar decidido
Chegou frente ao banco

Apeou como de um cavalo

O suor colava seu corpo
À camisa

Colocou a máscara
Sobre boca e nariz

Para se proteger e aos outros

Abriu a porta do banco decidido
Sacou da carteira surrada
Que estava dentro da pochete
O cartão

Fez em silêncio
Uma tomada de crédito
De valor irrisório
Para pagar em noventa e seis vezes

Na saída, ofegante
Confere o extrato da transação
Com dolorosa certeza:

Foi assaltado...

NESGA

NESGA

Chico Lino

Depois de Todos os Santos

Afinal, Finados

Quantos sinos dobrados

Em nossas memórias

Origem dos deuses

Que de outro plano

Intercedem por nós

Galhos caídos da genealógica árvore

A produzir húmus

Para semente nova florescer

Indefinido infinito

A esperança

Longe

Lá no fundo da memória

Num esforço imaginário

Preferimos acreditar numa nesga

VESTIDO A CARÁTER

VESTIDO A CARÁTER

Chico Lino

Pós-sessenta e quatro

Em Brasília, visita à irmã casada

Com um Brigadeiro

Encontra amigos de há tempos...

- Que chá é este?

- Champignon mágico

Tomou um copo

Â»

Subiu, encontrou a irmã

Foi pro banho

A irmã avisa, chegou visitas...

O espelho embaçado parece derreter

Quando pisca

Luzes multicolorem o ambiente

Gotas d'água penetram seu corpo

Transpassam sua cabeça até os pés

Como em cócegas

Ensaia por tempo

Cumprimentos às visitas

Seguro

Sai

- Boa noite, boa noite, boa noite...

Entra no quarto
A irmã espavorida
Irrompe a porta

Havia cumprimentado todos Reverentemente
Até ao Brigadeiro
Que estava vestido a caráter

Roupas, pra que te quero
Nem uma toalha o cobria

MUDANÇAS

MUDANÇAS

Chico Lino

Tudo e todos mudam

Com a mutabilidade do vírus

Sou um crescido

Piro

Como caleidoscópios

Mudamos a todo momento

De humor

Amor e dor

Após quase três décadas

Mudei de endereço

Subir dez andares um sofá

Não mereço

Exaustão

O que faço

O corpo é lasso

Desestruturação mental

Mesmo que passageira

Física, árdua trabalhadeira

Entrego tudo a Jano

Deus dos inícios e escolhas

Dos romanos

Já que em Deus

Infinito Inconsciente
Confiamos

“NOVO NORMAL”

NOVO NORMAL"

Chico Lino

A presente realidade

Movida a fake news

De verdade

Me deixou Confúcio

Quem nunca pecou

É atirado às pedras

Tenho lavado as mãos

Como Nero

Esquecido a cor branca

Do cavalo de Napoleão

Tenho vontade de incendiar

Roma como Pilatos

Amar a humanidade

Como Herodes

Sentido estranhos desejos

De comer Kafka ao ponto

Ler sobre a vida do tirano

Comunista, Jesus Cristo

Dizem ser o novo normal

Sobre a Terra Plena

ABRAÇO O ALGOZ

ABRAÇO O ALGOZ

Chico Lino

Quando criança
Como disse meu pai
Eu era mais pra frente
que colarinho de palhaço

Então apanhei muito

Em todas as épocas
Crianças apanham bastante

A "educação" transmitida
Pelo relho

Levar uma "pisa"
É ser amassado como uvas
ou azeitonas
É ser dominado por pés

O adestramento
Se faz para a obediência

Servir voluntariamente

Como o lutador
Que sob intenso ataque
Em vias de ir à lona
Usa o "clinch"

Mesmo sem ter visto lutas
Na tenra idade

Usava desse artifício

Abraçar o algoz
Evita golpes, a dor

Hoje abraço a religião
Que entorpece

Agradeço ao patrão
Que explora

Beijo os amores
Que aprisionam

Assim é perpetuado o poder

SEU MELHOR VESTIDO

SEU MELHOR VESTIDO

Chico Lino

Chegou em casa

Apressada

Tomou um banho

Morno, demorado

Vestiu seu melhor

Vestido, estampado

Maquilou-se

Como quem esculpe

Redesenhando

Seus próprios traços

Colocou postigos cílios

Admirou no espelho

A arte

O celular

Fez selfies

Até de biquinho

Enviou para grupos

Amigas

Desfez-se toda

Silenciou o telefone

Não fechou porta

Da janela
Olhou longamente a lua
Deitou-se nua

Não cobriu-se

Deu um leve
Breve sorriso

Dormiu

O VAZIO DO ELEVADOR

O VAZIO DO ELEVADOR

Chico Lino

Um condômino

Entra no elevador

Não ouço resposta

Aos cumprimentos

Cabeleira branca

Em desalinho

Peitos flácidos

Na camisa justa

Marca sedentária

Estranha proximidade

Gente é bicho muito estranho

Ter que conviver...

Sob sua máscara

Não sei se sorri ou chora

Os músculos ativados

São os mesmos...

Pensa na morte

Teme transmitir/contrair COVID

Seus olhos nada exprimem

Não fala do tempo

Da vida que esvai
Em milésimos, segundos
Neste momento

Somos passageiros
Desse "mundo novo"
Da convivência
Sem vivência

Alheio
Não tem predileção
Na "Copinha" de SP

Vidrado no espelho
Narciso

Estamos sós
Odor etílico no ar

Pode ser do recipiente
Álcool setenta por cento
Até elevadores estão alcoolizados

Ensimesmado
Jeito de quem bebeu

"Alcoólatra"

Tem às mãos sacolas
Parece cervejas

Mais

Que mundo vivemos

Desço, me volto

Desejo ainda assim

Uma boa noite

Continuo sem resposta

Do vazio do elevador

HORA FAMÉLICA

HORA FAMÉLICA

Chico Lino

Sempre que a vida apresenta-se

Mais viva

Os delitos saltam aos olhos

Deságuam em instituições de correição

Hoje consigo atinar

O que tinham em mente

Técnicos da ex- FUNABEM

E professores da Escola

Constructor Sui

No bairro da Gávea

Promovendo debate

Entre crianças

Na PUC/RJ...

Era final dos anos oitenta

A atualidade faz-me Lembrar

Cecília: (fictício)

Aluna da *Constructor Sui*

Tinha nove, dez anos

(Essa era faixa etária debatedores)

Cecília: - não roubem, roubar é pecado...

Interno da FUNABEM: - eu dormia nas ruas, pedia às pessoas pro café, pro almoço; ninguém dava...

Quando via um relógio

Um cordão passeando
Pegava pra vender...

Na hora da pipoca

Perguntei à Cecília:
Se você acordasse de barriga vazia
Pedisse comida sem obter
A tarde toda sem comer
O que você faria à noite...

Cecília: - (confessa) eu também furtaria...

A fome transtorna o ser

ÔNUS MODERNOS

ÔNUS MODERNOS

Chico Lino

Vinte e dois

Numeral

De dois mil

Ou

De novecentos

De trás pra frente

De frente para trás

Tudo igual

Humanamente

Politicamente

Economicamente

O Verde-Amarelismo

É Anta nazificada

Mata a mata

E Nhengaçu

Pinturas transbordam

Das molduras

Poesia transgride

O papel

Um globo é plano

Na parede

Moderna Semana

Palíndromo

Capicua

Antropofágica

Urobórica

Será sempre

Arte Moderna

Trezentos e Sessenta

Mários de Andrade

Pau Brasil

No Manifesto

Abaporu continua sentado

Pensativo

Tão pequena cabeça

Em tamanho corpo

Êoooooooo

Êoooooooo

Êoooooooo

Liberto

Da cadência das rimas

E moldes métricos

Sem bônus

Cem anos

Sem ônus?

Ciganos

Sigamos

Indefinidamente

Hodieros

É GUERRA

É GUERRA

Chico Lino

Não deveríamos nos abismar
Viver é uma perigosa guerra

De travesseiros
De nervos
Do sexo
De fake news
De mísseis
De bombas atômicas
Da sobrevivência
De pau e de pedra

Tudo é uma guerra

"Guerra é guerra"

A guerra
É a forma de estarmos em paz

"Pra pedir silêncio eu berro"

Assusta de longe
Aterroriza de perto

Nos faz esquecer
A quotidiana
Pessoal, guerra

Temos pouco perdoado
Aos inimigos

Por tanto que a vida
Tem nos cobrado dívidas

Talião introjetou
Seu olho por olho

Cravou fundo
Dente por dente
Em nossos corações
Apaziguadores

É guerra

Surdos
Não ouvimos
A Boa Nova

É guerra

Santa ou profana

É guerra

Sonhamos fazer uma viagem
Ao mundo dos manjares

Acordamos
Perdigotando
Farinha seca

Não é certa
Nem errada
É a guerra da vida

Pensem na morte
Valorizemos todos

Os mínimos instantes

Da vida

TRAQUINAGEM

TRAQUINAGEM

Chico Lino

Da noite escura

Surge a esperança

Crianças sem brinquedos...

Amarraram uma pata traseira

Numa linha de costura

Traquinagem pura

"Soltaram pipa"

Dentro de casa

Brincaram felizes

Com a esperança

Até o sono chegar

Não sei se sonharam...

Amanheceu

A esperança estava morta

Atrás da porta

QUE A TERRA LHE SEJA BREVE

QUE A TERRA LHE SEJA BREVE

Chico Lino

Santificado seja

O Povo brasileiro

Por passar sem comer carne

Durante o ano inteiro

Santificado seja

O Povo brasileiro

Que na Sexta-Feira

Não se espanta

Da proibição

No raso prato

Ser do homem

Não ser Santa

Beatificado seja

Humano trabalhador

Em sua devoção

Carregar quem nada faz

Às custas de uma Paixão

Bestificado fica

Quem entende a ilusão

Tanta carne para poucos

Para outros duro pão

Santificado seja

O desejo do crédulo

Em sua devoção

Ser carregado em andor

Durante uma procissão

Que a Terra lhe seja breve

O PIANO DE GABRIELA

O PIANO DE GABRIELA

Chico Lino

"PIANO"

Chegou na mensagem

Como água da chuva

Absorvida pelas plantas

Descem fundo ao solo

Transforma-se em olhos

D'água formando rios...

Desencadeada pura

Cristalina saudade

Da filha distante

Chorei

Era minha filha Gabriela

Estudante em outro Estado

Dizendo que me ama

Por vezes

Famílias constituem

Códigos próprios

Uma irmã

Seu então companheiro

Ele no alto de uma cachoeira

Tentavam direcionar a calha

De baixo
Minha irmã disse
"Te amo"

Confuso
Pelo murmúrio das águas
Ele indagou
"Piano?"

Rimos muito da confusão

Sempre que algum de nós diz
"Piano"
Decodificamos o significado
Surgido naquele dia feliz

Espero que evaporadas
As águas constituam
Generosas chuvas
Doando vida
Alegria à Terra

Neste ciclo
Continuemos a amar
Sorrir, sentir concreta
E docemente
A abstrata saudade
Que outra língua
Não traduz

CALEFAÇÃO

CALEFAÇÃO

Chico Lino

Calefação

Na termodinâmica

É nome popular

Dado ao processo físico

Conhecido

Efeito de Leidenfrost

Um líquido muda de estado

Em temperatura superior

Ao da ebulição

Neste caso

O líquido evapora-se

Rapidamente

De modo agressivo

Instantaneamente

O fenômeno consiste

No aparecimento

De colchão de vapor

Entre líquido e superfície

Fortemente aquecida

Em tempos de estagflação

Descontados do bruto

De nossos salários

Previdência
Imposto de Renda...

Resta-nos um líquido

Que temos impressão
De que na conta bancária

Uma "Chapa quente"

Se evapora
Aos nossos olhos
Esvaindo-se no ar

Mas continuamos
A trabalhar

Vendo a vida
Nosso tempo

Como a água
Evaporar...

SEM PRESSA

SEM PRESSA

Chico Lino

O passado nunca passa

Completo meus

Sessenta e oito anos hoje

Sexta-feira treze

Maio

Dois mil

Vinte e dois

Ano do Louco

Aguardo com certa avidez

O próximo aniversário

Anos sessenta...

Sessenta e oito

Conhecido

"O ano que não terminou"

Na França

Prenhe de acontecimentos

Morrem Martin Luther King

Robert Kennedy

Manifestações

Sobretudo estudantis

"Baby boomers"

Guerra do Vietnã

E Fria

Regimes autoritários vigoram

Em diversos países do mundo

Sobretudo na América Latina

O Brasil foi marcado pelo AI-5

Histórica redundância?

Sem muito tempo a perder

Dada avançada idade

Finalmente farei

No próximo ano

Sessenta e nove

Espero...

SAGARANA NO SEBO

SAGARANA NO SEBO

Chico Lino

"Você sabe o que é caviar?

Nunca vi, nem comi

Eu só ouço falar"

(Barbeirinho do Jacarezinho)

Pérolas

Saiba a quem dar

Garimpei Sagarana

Num sebo

Guimarães Rosa

Edição de dois mil e um

Da Nova Fronteira

Capa perfeita

Folhas branquíssimas

Como não lido

Tem dedicatória

Transcrevo *ipsis litteris*:

(minha: irmã, titia, cunhada).

Decidimos presentear-lo com essa nobre obra, pois aos longos e rápidos anos que se passaram sempre vi, e tive uma grande admiração pelo seu grande apreço pela leitura, como profissional do ramo tenho a plena convicção de dar aquilo de mais precioso, acreditamos, lhe fazer o bem, pois o livro e leitura nos enaltece e nos traz um legado profundo; não nos preocupamos se irás ler ou até mesmo gostar, também não sabemos se é a literatura preferida, mas uma certeza temos irás te enriquecer muito.

Parabéns, (03.08.2011)

Te amamos muito

Beijos e abraços fraternos

Seguem quatro nomes masculinos

Um feminino

Não por oblvio

Omito a presenteada

A edição trás

Um poema póstumo

Manuscrito

Por Carlos Drummond de Andrade

"Um chamado João"

"Tinha parte com... (sei lá
o nome) ou ele mesmo era

a parte de gente

servindo de ponte

entre o sub e o sobre

que se arcabuzeiam

de antes do princípio,

que se entrelaçam

para melhor guerra,

para maior festa?

Ficamos sem saber o que era João

e se João existiu

de se pegar."

São os últimos versos

Do poema

O aluno está pronto

Apareceu o Mestre?

VALORES

VALORES

Chico Lino

Na entrada do supermercado

Sorridente senhora

Ergue um cartaz

Arrecada doações

Deseja abrigar gatos

No estacionamento

Duas Jovens ameaçam

Orar por mim

Em troca do jornal da igreja

Que não peguei

Na saída do supermercado

Triste senhora

Ergue cartaz

Arrecada doações

Deseja alimentar filhos

Na faixa de pedestres

Braço erguido

Espero o tempo

Carros e motos

Apreçarem minha vida

FILHOS DA MORTE

FILHOS DA MORTE

Chico Lino

Vivemos "Westworld"

O mundo sem alma

Uma espécie de metaverso

Dos horrores

Que estarecidos

Sentimos ser real

Para a nauseante sensação

De que Josef Mengele conseguiu

Os clones de Hitler

Invadem festas armados

Matam aniversariantes

Abençoam armas para matar

Estupram suas próprias filhas

Parturientes anestesiadas

Explodem bombas

Matam pelas costas

Orgulham-se disto

Afinados por sórdido diapasão

Vemos jacarés com várias

Caudas surgirem sorridentes

Nas esquinas

São os filhos da morte

"Os Meninos do Brasil"

NADA É VERDADE

NADA É VERDADE

Chico Lino

Forcas, fogueiras

Chibatas, pelourinhos

Nossa, que História...

O filósofo, jurista, iluminista

Jeremy Bentham

Concebeu no século dezoito

O pan-óptico

A penitenciária ideal

Onde somente um homem

Vigia muitos

Inspiração de George Orwell

Para o Grande Irmão...

O que tem que ser

tem muita força

(Guimarães Rosa)

E não temos vaga ideia

Do que tem que ser

Acordei antes do sol

Banhei-me na chuva

Enxugo-me ao vento

Nada é verdade

Livre é o pensamento

Desgosta saber
Que no passado
O futuro era melhor

Que nalgum lugar
Etezinhos jogam gude
Com bolinhas
De multiversos

Nada é verdade
Tudo é pensamento

É agosto fechando
Levando seu vento

CORAÇÃO CORADO

CORAÇÃO CORADO

Chico Lino

No coração do Brasil

O real coração

Cora, envergonhado

No formol formal da história

Sete

É conta de mentiroso

Setembro, mês nove

Noves fora

Nada de novo

O ano iniciou em janeiro

Dizem:

O trabalho enobrece

Trabalhamos

Animalescamente

Usamos antolhos

Puxamos carroças

Vamos à exaustão

Sem nobreza

Baratas, ratos

Somos onívoros

No reino animal

Dos supermercados

Fomos abduzidos
De nossos sonhos

Uma infinita crise
Aprisiona a todos
Numa colorida self

Vamos, irmãos
Ao banqueiro

Depositar nossas almas

Buscar a salvação
Que só o dinheiro oferece

Deus não morreu

CERZIR ALMAS

CERZIR ALMAS

Chico Lino

Um tecido se esgarça

Fazemos um cerzido

Uma pele se rompe

Fazemos uma sutura

Precisamos inventar

Uma fórmula

Que cicatrize tantos

Abstratos sentimentos

Almas feridas

Por tanto tempo

Reiniciemos

Juntos inventemos

A COISA

A COISA

Chico Lino

Coisaram no Coiso

O Coiso se encheu de coisas

A coisa coisou

Do Coiso

Eram conhecidas as coisas

O Coiso nunca coisou

Coisa nenhuma

Que coisasse

Então as coisas coisaram

Como as coisas coisam

O povo e o país

Totalmente coisado

Por causa de coisinhas

Que não coisaram

Como deveriam coisar

Agora a coisa coisou de vez

Os coisinhas

Que coisaram no Coiso

Estão coisando qualquer coisa

Pro coiso continuar coisando

As coisas

É uma coisa não saber coisar
Que coisa!

COSMO AGONIA

COSMO AGONIA

Chico Lino

Todas cidades iluminadas

São belas

Mesmo que sejam

À luz de velas

Ao dia

É triste vê-las

Homens morrem

Pois não se fartam

Em tê-las

Espacial sou

Vivo em asterismos

De circadiano ciclo

Tenho preferência por

Frações cosmológicas

Infinitas

Minha vida é um apocalipse

A curto prazo

Não se zangue

Mesmo que me tenha originado

Orgástico Big Bang

Por pura ambição
Furaram meu ozônico teto

Duvido se quem fez isto
Seja completo

Esqueci quanto tenho girado
Sobre meu próprio eixo

Às vezes fico zozna
Não me queixo

Translado estações
Das catastróficas
Às mais gentis

Que a Atração me livre
Do buraco negro
Dos seus olhos

Todas cidades iluminadas
São belas

Mesmo que sejam
À luz de velas

Ao dia
É triste vê-las

Homens morrem
Pois não se fartam
Em tê-las

ANALFABETOS

ANALFABETOS

Chico Lino

Sabíamos o formato Terra

Não sabíamos

Sua cor

Vista do espaço

Galileu Galilei descobriu

As luas de Saturno

Fome

Sobre alvo algodão

Com caroços

De negro feijão

A fome cresceu

O negro feijão

Desapareceu

A fome

Não

Por que fome

Não foi escrita

Com caroços de arroz

Saberíamos depois

Não sabemos ler

Vamos à faculdades

Fazemos mestrados
Doutorados
Especializações...

Aprendemos línguas
Deciframos hieróglifos
De povos extintos

Estudamos
juntamos vogais e consoantes
Mas não sabemos ler

Folhas
Barragens caem
Rios transbordam
Com minério condensado

Secas e inundações

Sondas espaciais
Peneiram o espaço
Com discos de ouro
Sons de todas as línguas

Procuramos vida
Fora da Terra

Mas não sabemos ler

Uma orca
Após interagir
Com mergulhadores
Foi encontrada morta
Em Nova Almeida-ES

Em seu interior

Encontramos muito plástico
Algo como um tapete de carro

Está evidente
Não sabemos ler
A Natureza

E nosso analfabetismo
Vai nos levar
Ao destino da orca
Do Espírito Santo

MALHAÇÃO DE JUDAS

MALHAÇÃO DE JUDAS

Chico Lino

Nos anos noventa

Sob os desmandos colloridos

Um amigo desejou a morte do Fernando

Eu, "bonzinho", disse:

melhor deixá-lo viver em uma favela com o salário mínimo

Já havia assistido ao Fantasma da Liberdade de Luis Buñuel

Na sala de aula

O professor detalha sobre

as atrocidades ocorridas nos porões da ditadura

E pergunta: o que vocês fariam

Se tivessem a oportunidade de

Vingar-se dos torturadores

Todos impingiram suplícios

piores que os próprios

Ao que o professor perguntou:

Em quê estariam vocês sendo melhores que eles?

A Malhação de Judas

Também nos legaram

Os colonizadores

DIA DOS AMORADOS

DIA DOS AMORADOS

Chico Lino

Descobri na escuridão

Mais escura

O imortal amor

No vazio desse breu

Olhei firme para o abismo

De suas profundezas

Também o abismo

Me fitou assim

Ele deu meia-volta

Desistiu de pular

Em mim

MATO MORTO

MATO MORTO

Chico Lino

(Sobre notícia do site Metrópolis, de 14/04/2023)

Peripatético, caminho

Por conhecida trilha

Próximo ao fim das chuvas

Roçam rente a muros e cercas de quintais, fazendas

As altas temperaturas do Tocantins

Tornam o crime de incêndio, brincadeira

São piromaníacos

Da soja, da pecuária

Andei por horas

Inalando cheiro do mato ceifado

Lembro Djavan

Que plantou um pé de flor

E deu capim

Precisamos continuar plantando flores...

Quando fui jorrado neste mundo

Todos os pecados existiam

Isso alivia minha culpa?

Como um rio lento

Me arrasto em meandros

Retardo o fim

"Me dá um tiro na cabeça"

Pedi ao policial

Um pai que via sua esposa e filho

Mortos numa execução

No trânsito

"Eu queria abraçar minha esposa e acalentar o meu filho, como eu fazia com ele quando ele era criança."

Mas o policial não deixou ele chegar perto.

"Policial, por favor, tire essa sua arma do coldre e dê um tiro na minha cabeça
eu quero ter tempo de sair correndo no infinito e me reencontrar com eles"

Um homem em uma moto havia parado ao lado do veículo que a mulher dirigia e fez mais de vinte disparos

Vontade de seguir caminhando ao infinito

Até não sentir o cheiro de mato morto

SEM AUMENTAR UM PONTO

SEM AUMENTAR UM PONTO

Chico Lino

Cega de nascença

Exímia pianista

Tocava todas às noites em uma casa noturna

Sempre conduzida pelo mesmo taxista

Certa noite

Teve que aceitar ser atendida por outro

Seu conhecido alegara justas impossibilidades

Notou um percurso diferente

Ao retornar

Após o carro parar

Na erma escuridão

Inicia-se o claro estupro

Ela

Como último recurso

Argumenta: sou cega...

Ouviu apenas um sussurro:

Não importa, sou feio...

FLASH

FLASH

Chico Lino

Colatina Velha

Espírito Santo

Anos sessenta

O médico pediu uma radiografia

A Dona Maria das Tranças

Seu Zé

Da Dona Maria das Tranças

Ficou preocupado

Dona Maria das Tranças

Foi ao Foto Léa

Blusa godê e mangas fofas

Botou as tranças de um lado

Fez cara de doente

Foi com uma fotografia triste

Em branco e preto

Que Dona Maria das Tranças

Retornou tossindo ao médico

HORIZONTE CURVO

HORIZONTE CURVO

Chico Lino

Tem um homem sentado
No banco central da praça

Tem uma posição
Que a todos atrapalha
Quando vem chegando alguém
Se espalha

O homem do banco
Não permite a ninguém
O descanso

Diz ele: quem quiser descansar
Tem que pagar com a própria carne

Vende dinheiro
A quem não precisa

Quem não tem como comprar
Improvisa

Tentamos inutilmente
Compreender este mundo
A vida
Seu caos regular

Colocamos na boca
Sem graça
Para disfarçar
Nosso melhor sorriso

Um caminhoneiro
De óculos escuros
Desce do caminhão
Tem uma lanterna acesa
Em sua mão

Com um martelo
Confere dos pneus
A pressão

Tudo normal
Não fosse ardente
Dia de verão

Na trapaça
Blindado em sua torre
Um valete dirige o drama

O cavalo
Em cheque mate
Quer derrubar o rei
Tentando a dama

Todos os jogos
São válidos
Na trama

Dados viciados
Cartas marcadas
Sinais combinados
Nunca mérito ou sorte

A morte
É Norte

E a linha do horizonte
É curva

QUASE UMA TROÇA

QUASE UMA TROÇA

Chico Lino

O que oficiamos no ócio
Pode nos salvar do sacerdócio

Fazer poesia não é troça
Não é estar "só pra si pensando"
Porque viver, escrever
São opções sérias

Lembra Sísifo
Rolar pedra morro acima

Lembra um beija-flor
Querendo apagar queimadas
Levando água no próprio bico

É ser árvore plantada no asfalto Que continua a doar suas sementes
E a contar com ventos passarinhos

É ver o todo
E não poder fazer nada

É olhar o nada
E não poder fazer tudo

Também não é só isso...

Brasília é uma ilha
Cercada de Brasil por todos os lados

Um dia encontro a palavra certa

para expressar o monumento...

Ligação:

O senhor é um bilionário
Acabou de ganhar a
Sua independência

Explica:

O chat foi programado para que
No dia sete de julho de deste ano
Premiar você com zero vírgula zero do nosso lucro após setenta anos de atuação no mercado

Que:

Quantos vocês ganham
Se sou bilionário

Fisgo:

Vou enviar um link
para confirmar seus dados

Sinal...

Não adianta chorar o vinho derramado
O negócio é esperar outra coleta

Melhor abrir outra garrafa

ENSINAMENTO

ENSINAMENTO

Chico Lino

O ditado diz
que o trabalho enobrece

Eu só não sei de onde vem
tanta certeza

Eu nunca vi Jegue
boi de carga
Portar título de nobreza

O PRESIDENTE LULA

O PRESIDENTE LULA

Chico Lino

(A todos os implantados)

Com a idade que tem

Um dedo sem

Humano demais

Já faz tudo o que faz

Me deixa atônito

Imagine agora

Após à cirurgia

Que o torna ciborgue

Biônico?

O XIS DO PEIXE

O XIS DO PEIXE

Chico Lino

Quem tem

Precisa doar

Pois é inútil

Ensinar a pescar

Em rios tomados

De rejeito do minério

Ou secos

Pelo desequilíbrio ecológico

Provocado

Por quem tem muito peixe

IMAGINE

IMAGINE

Chico Lino

"Que meus inimigos tenham pés e não me alcancem"

Você

Um pacifista

Amante da vida

Em toda sua extensão

Professa religião

Condói-se quando distraído pisa

Em formigas

Encontra bebendo

Comendo, sorrindo

O homem

Que por algum falha da lei

Está solto

E você sabe

Com toda certeza

Que ele é o culpado

De estuprar, matar

Com requintes de crueldade

Sua esposa

E a única filha

Imagine

SETENTA ANOS, SOLIDÃO!

SETENTA ANOS, SOLIDÃO!

Chico Lino

Parece coisa de cinema

Dizem que no momento da morte

Fragmentos do que vivemos

Nos passa como numa câmera rápida

Fechou, no Brasil, a "Forever 21"

O tempo disparou

Tenho todas as idades mentais

De zero a setenta anos

(Já a física...)

Jamais serei o mesmo

O meu destino, não manifesto

Levou-me a nascer na Terra do Nunca ou no País das Maravilhas

Onde minha primeira Coca-Cola

Foi uma Pepsi

Tive os olhos plantados

Entre as correntes do Rio Doce e os metálicos trilhos e trilos da Maria Fumaça

Para beber Guaraná

Pungentes grilhões

Não, Vale...

Tenho como heróis o Casmurro Bruxo do Cosme Velho

Com todo o sentimento do mundo

Quis dinamitar a ilha de Manhattan

Achei melhor esperar o tempo
Seu estopim é infalível

Fui preso a um pequizeiro
Como no Castanheiro, José Arcádio Buendia

Vivo a imaginar anos luz
Coberto de musgos, memórias
sob uma casca espessa

A boate Lancaster, Carapebus
Os becos da Lapa
São a possível Pasárgada
Para quem não é filho do rei

O coração seria um Pulsar
No universo do nosso corpo?

Se houve um Big Bang
Dentro do quem explodiu?

Poderia ter escrito epopeias
Causar inveja a Gilgamés, Homero e Camões
Ser o Rei da Vela

Mas descobri cedo
O que o tempo fez do soberbo Ozymandias

Sou Macunaíma
Não escalaria as torres altas de Solness
Preferi o Inferno de Dante

Criamos deuses
Vivemos entre a devoração
E a psicopatia bíblica

Devoramos a Terra
Devoraremos todas as galáxias
Insaciáveis
Nos devoraremos?

Mil perdões
Minha Inteligência não é Artificial

Detesto no outro o que há em mim

Constatee o sentimento:
matei o outro
Morri todas as Horas do Fim

Creio numa Revolução a Machados: de Assis

Volta ao início
Vai começar tudo de novo
A chama se esgalga

Gugu dadá

Aos setenta anos
O esquecimento nos une

INEXORÁVEL

INEXORÁVEL

Chico Lino

Os passos que dei

À deriva

Tentando fugir do meu destino

Trouxeram-me aqui

Quando fui jorrado neste mundo

Todos os erros já haviam sido tipificados

Isso alivia minha culpa

Velho barco enferrujado na areia de um mar que secou

Deslizando em meandros

Retardo o meu fim

Sobre vento salgado

Corroa essa velha carcaça

Torna-me novamente

Infinito

Como átomos firmam a matéria

Microsegundos formam o tempo

Senhor inexistente

Como são rígidas

Essas coisas que só existem em nossa mente

BREVE UTOPIA

BREVE UTOPIA

Chico Lino

Na calma da noite

Além de sons longínquos

De motores de carros

Apenas o fino silvo de apito

É o guarda-noturno

Dos recém instalados postes

No canteiro central

Da avenida NS-8

Em Palmas/TO

Pendem hastes

Com luz branca

Como braços

E mãos a iluminar

Cada poste tem no topo

Uma luz azul brilhante

Queria dizer ao guarda

Para ir para sua casa

Abraçar seus filhos

Beijar sua mulher

Que seus serviços

Não são mais necessários

Que o mundo é justo

Bom e perfeito

Mas noto que em um poste
A luz azul brilhante do topo
Hoje não acendeu...

ONÍRICA APORIA

ONÍRICA APORIA

Chico Lino

Sonhando que sonhava

Sonhei entrando num cinema

De repente

O filme só mostrava

A minha entrada no cinema

Infinitamente

Sonhar

É não ter que pedir perdão

"Neste país é proibido pensar"

Só se for em forma de canção

"Como acima

É abaixo"

Soa como um grito

O diabo é conceber paralelas

Se encontrando

Acima e abaixo

No infinito

DESCULPA EU

DESCULPA EU

Chico Lino

Incerta humanidade

Inventa e vende deuses

Remédio para todos os males

Se o produto não funciona

A culpa é do "cliens"

Faltou-lhe fé

Deuses são como pais

Batem nos filhos

Sem explicação

Eles sabem porquê

Apanham

Santo Agostinho

Intuindo combater Agnósticos

Inventou o Pecado Original

Uma professora conta

Na Idade Media

Um ladrão entrou

Numa igreja à noite

Foi apanhado pela manhã

Imóvel, braço estendido

No flagrante ato de furtar

Valiosa imagem sacra

Outros tempos?...

Na enxurrada
Chapeuzinhos vermelhos
Vão para a boca-de-lobo

A religião engendra no ser
A culpa, o medo

Sentimento paralisante

"A prova de que se tinha feito algo errado ?não algo ruim, algo errado? era que algo ruim está acontecendo com você."

Somos tão indefesos
que sentimos culpa por ter culpa

Quanto menos conhecimento temos, menos compreendemos o tamanho de nossa própria ignorância

Mergulhei em mim
Quão inusitada visão

Desculpa eu

ECO

ECO

Chico Lino

Chuvas que encharcam

Lembram o Dilúvio

Secas que abrasam

Absurdas queimadas

Nos remetem à ideia de Inferno

Recordes de máximas

E baixas temperaturas

O Planeta ensandeceu?

Os terremotos

Aumentam suas frequências

Os oceanos aquecidos

Engolem as praias

Os humanos olham

O próprio umbigo

Descalçaram as sandálias da humildade

Exercitam-se com tênis

Da uma nova marca

"Foda-se"

Querem colonizar o Planeta Marte

Daqui a milhões de anos

Alguém estará expressando
De Marte a mesma indignação?

Ou

É a minha humana consciência
Ressoando do passado (ou futuro)
De outros exauridos planetas

Este ECO?

O “IMPOSTO AO SOL”

O "IMPOSTO AO SOL"

Chico Lino

É pela rotatividade

A cobrança

Nos estacionamentos

Das cidades

Instalam "totens"

Com placa solar

Máquinas para no cartão

De crédito ou débito pagar

Qualquer veículo automotiva

Já paga muito de IPVA

Mas se é pela rotatividade

Fiquem à vontade...

Cobra-se pela luz solar

Na Espanha

Que ganância estranha

"Imposto ao Sol"

Aprendi

Contra-ataquei a raça

Fico minutos da manhã

Ao Sol tomando vitamina-D

De graça

Disfarço

Nem conto a ninguém

Pode ser que

Laboratórios prejudicados

Me taxem também

SÃO OS DO NORTE QUE VÃO

SÃO OS DO NORTE QUE VÃO

Chico Lino

Nossa Senhora de Nazaré

Nazinha

Senhora

Sinhá

Siá

Vixe Mãinha

Veja-o-Peso

Reduções

Elisões

Revoluções

Sem treta

São os do Norte que Vão

Tornar

Um pingo

Letra

TEMPOS EM VÉUS

TEMPOS EM VÉUS

Chico Lino

Os ponteiros do relógio
Estão sobre o doze
Que oração?

São os últimos segundos cósmicos
Do Fantástico show da vida

Pilates redivivo se exercita
Em Gaza

Cadê a verdade que estava aqui?
A fake news comeu...

Ela se espraia
Sob o Véu de Maya

É meio-dia
Minha tia

Ou meia-noite
Preto no açoite

É lusco-fusco
Ou sol a pino
Menino

Intoxico com discursos vazios

Lixo nas redes
Quanta absurda realidade

"Peixe"

O multiverso em nossas cabeças
Dando corda à ilusão
Meu irmão

Nosso dia nunca chegará
O Salvador não voltará
O amor não reinará

"E agora, José?"

Com moeda sem face
Que se paga agora
Tem troco

Nessa escassa e turva água
Enxáguo meus olhos
Que derretem
Feito relógios
Dali

Rindo feito idiota
Ando de ponta cabeça

Com "o horizonte no alto"

Faço como Nero:
Lavo as minhas mãos

Rrsrs... kkkkkk...

Assim nos desencontramos

“PEIDO-CHINES”

"PEIDO-CHINES"

Chico Lino

Tá russo

nuven

vala negra

programa de índio, gripe chinesa, espanhola...

Pilates exercitando

Em Gaza

Parece que a palavra

Mata mais

Antes que um míssel